

MARGARET GEORGE



HELENA
DE
TRÓIA

VOLUME I



Tradução de Isabel C. Penteado



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido



PARA A MINHA FILHA, ALISON RACHEL,
QUERIDA AMIGA E COMPANHEIRA

E PARA A AVÓ DELA,
MINHA MÃE, MARGARET DEAN,
UMA DAS ÚLTIMAS GRANDES BELEZAS DO SUL



AGRADECIMENTOS

Agradeço:

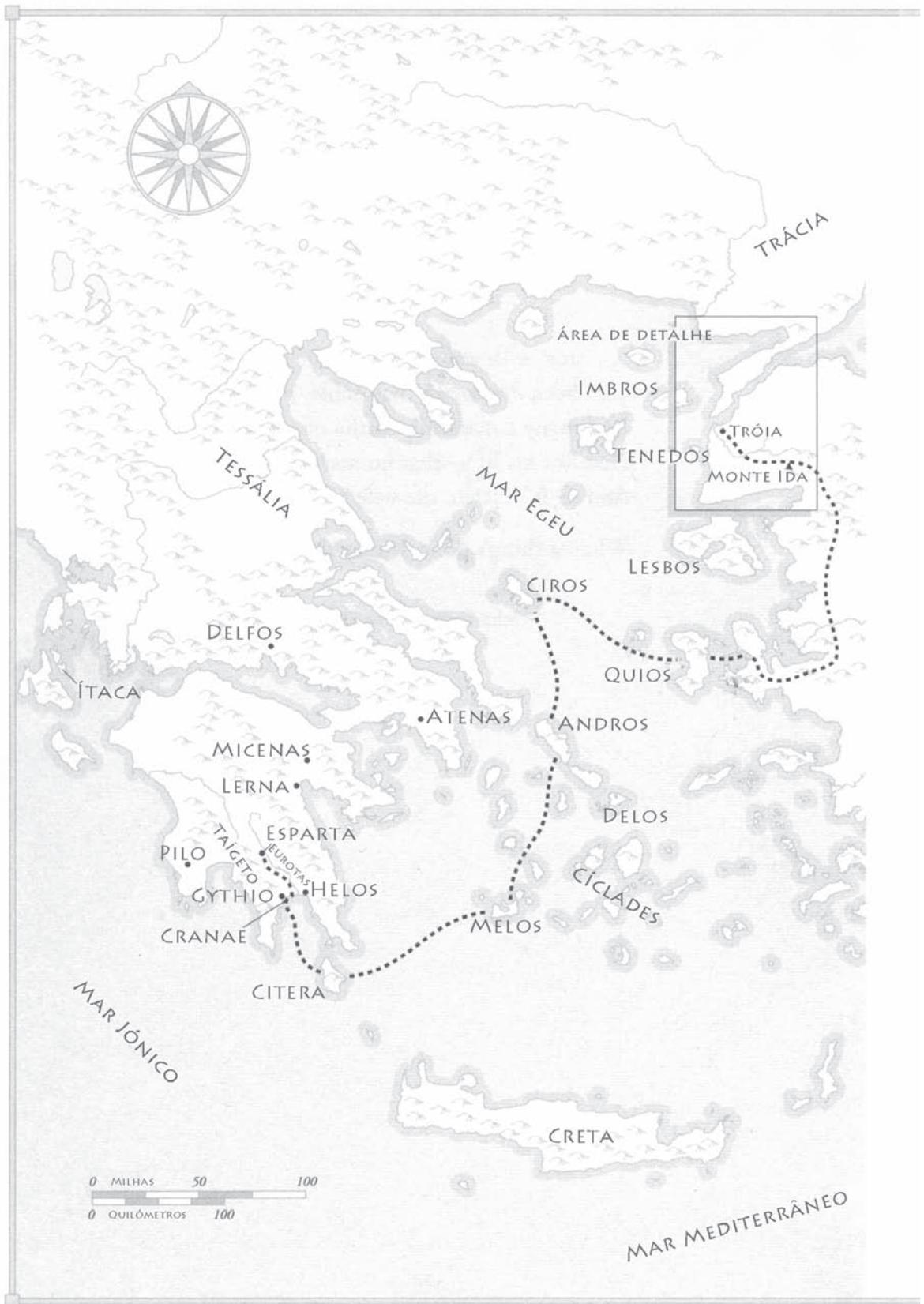
Aos meus solícitos amigos gregos — Artemios e Evie Kandarakis e Xenia Vletsa — que cooperaram comigo nos locais arqueológicos do seu país, e de muitas outras formas; Katie Broberg Foehl e Nikos e March Schweitzer, entusiásticos helenófilos companheiros na minha pesquisa; Brian e Mary Holmes, que me ajudaram a moldar a história; e Jane e Bob Feibel, conhecedores do mundo antigo.

Birgitta Van der Veer e os conservadores dos museus arqueológicos de Istambul, por me terem obtido acesso pessoal à coleção de Tróia; Dr. Dan Gibson do WPI, por esclarecer o processo químico de produção da tinta púrpura-de-tiro a partir dos caracóis marinhos *Murex*; Eric Shanower, que generosamente partilhou informação comigo; Beena Kamlani, dotada editora e amiga de Homer; Professor Stephen G. Miller, da Universidade da Califórnia, Berkeley, por reavivar e organizar os Antigos Jogos Nemianos e me deixar participar; Professores Barry B. Powell e William Aylward da Universidade de Wisconsin, que estiveram sempre disponíveis a partilhar o seu conhecimento especializado, e cujo simpósio do departamento de Estudos Clássicos «The Trojan War: The Sources Behind the Scenes» me ensinou muitas coisas.



... Tróia, com muralhas ainda novas
Tinha sido destruída, aquela nobre e real cidade
E muitos homens dignos de renome
Tinham perdido a vida – que nenhum homem pode contestar –
E tudo por causa de Helena, esposa de Menelau,
Quando uma coisa está feita, já não pode ser de outra forma.

JOHN LYDGATE, *Troy Book*, cerca de 1412-1420



O MUNDO DA GUERRA DE TRÓIA

MAR NEGRO

PAFLAGÓNIOS

MÍSIOS

AMAZONAS

FRÍGIOS

MEÓNIOS

CÁRIOS

LÍCIOS

IMBROS

HELESPONTO

SIMOENTE

TENEDOS

TRÓIA

ESCAMANDRO

MONTE ÍDA

TEBAS

CHIPRE

VIAGEM DE HELENA
E PÁRIS DE ESPARTA
PARA TRÓIA



PRÓLOGO

EU voava de regresso a Tróia. Não, era mais como se pairasse, pois era um voo estável, sem sobressaltos. Eu não tinha asas, embora tivesse os braços estendidos. Mas estes serviam para me conduzir e não para me deslocar. Sentia o vento deslizar-me por entre os dedos. Estava maravilhada com o milagre de poder regressar a Tróia, e de forma tão fácil.

Conseguia ver o azul brilhante do mar, as suas centelhas e ondas cheias de espuma branca, e as ilhas que se erguiam como dorsos inférteis de animais desprovidos de pêlo. Estes eram castanhos e os seus ossos notavam-se nas colinas que constituíam as suas colunas.

Onde estavam as que Páris e eu tínhamos visitado durante a nossa viagem para Tróia, os nossos pontos de passagem? De tão grande altitude era impossível distingui-las.

Uma gaivota desceu rapidamente ao meu lado e o vento provocado pelo bater das suas asas perturbou o meu voo. Por um instante senti-me cair, depois voltei a endireitar-me e continuei a flutuar serenamente. O meu vestido esvoaçava, flutuando como fumo em meu redor.

Muito abaixo conseguia ver navios. Qual seria o seu destino? Quem transportariam? Era impossível saber, mas também não importava. Era assim que os deuses nos viam — como insignificantes diversões. Agora eu compreendia. Finalmente compreendia.

A costa de Tróia surgiu no horizonte — tão rápido! Eu tinha apenas uma preocupação, um anseio: ver Tróia de novo. Atravessar as suas portas, percorrer as suas ruas, tocar os seus edifícios, sim, mesmo aqueles que nunca me tinham interessado. Agora eram todos preciosos. Endireitei-me e aterrei suavemente mesmo em frente da porta sul, a maior de todas. Quando a observara no dia em que chegara a Tróia, o topo parecera-me alcançar o céu, mas agora que a via de cima, sabia que terminava muito abaixo das nuvens.

Estranhamente, quando pousei os pés no chão, eles não levantaram qualquer poeira. Mas eu estava deslumbrada com o facto de saber que estava de regresso a Tróia. Ouvia os pássaros no prado à minha volta, sentia

o odor sonolento dos campos ao meio-dia. À minha direita via manadas de cavalos pardos a pastar, os famosos cavalos da planície troiana. Estava tudo tranquilo e ordenado. À distância, vi uma pequena casa de pedra, com cobertura de telhas, no meio de um arvoredo. Queria aproximar-me, bater à porta. Mas era muito longe e eu virei-me para Tróia.

Tróia! A magia de Tróia erguia-se perante os meus olhos, dançando contra o azul do céu. As suas torres eram as mais altas que o homem já construía, as suas muralhas as mais fortes e belas e, no interior... ah, no interior estavam todas as glórias do mundo! Tróia tremeluzia como uma miragem, sussurrava os seus segredos, atraía-me.

Dirigi-me à entrada. Para minha surpresa, estava aberta. As espessas portas de bronze estavam completamente abertas e, para lá delas, o caminho que conduzia à cidadela era largo e chamativo. Atravessei a porta habitualmente vigiada e não me indaguei sobre o porquê de não haver nenhum guarda, nenhum soldado. Já no interior, descobri que estava em silêncio — nada de barulho de carruagens rangendo, nada de risos, nada de vozes.

Continuei a caminhar em direcção à cidadela, aquele aglomerado de palácios e de templos coroando o cimo de Tróia. Conseguia ver o seu brilho à distância, a pedra branca atraindo-me como uma deusa.

Estava totalmente deserta, e eu começava agora a ouvir os ecos nas casas vazias pelas quais ia passando. Para onde tinham ido as pessoas?

Eu procurava a cidadela, onde deveria estar o meu povo. Príamo e Hécula deviam estar no seu palácio, Heitor e Andrómaca no deles, os muitos filhos e filhas de Príamo e Hécula nos seus aposentos atrás do palácio real — cinquenta filhos e doze filhas, cada um com a sua casa. E entre o templo de Atena e o palácio de Heitor estaria o meu e de Páris, imponente.

Estava lá. Era perfeito; tão perfeito como Páris e eu o imagináramos pela primeira vez, muito antes de ser colocada a primeira pedra. Quando nos deitáramos juntos na nossa cama perfumada e nos divertíramos a imaginar a nossa casa perfeita. Ali estava.

Como nunca estivera. As pedras não eram exactamente assim, não; não tínhamos conseguido as pedras vermelhas de Frígia e tínhamos precisado de as substituir por umas mais escuras de Lesbos. Contudo, lá estavam as vermelhas, unidas com argamassa e no seu sítio. Por um instante senti-me deslumbrada com isto e fiquei a olhar boquiaberta. *Não, não era assim a não ser na nossa imaginação*, murmurei eu como se as pedras fossem brilhar e rearranjar-se ao som das minhas palavras. Mas permaneceram teimosamente como estavam.

Encolhi os ombros. Não importava. Entrei no palácio, atravessei o amplo *megarón* e subi as escadas até ao mais privativo dos nossos aposentos,

os aposentos para onde Páris e eu nos retirávamos quando terminavam finalmente as tarefas do dia e podíamos ficar a sós.

As minhas passadas ecoavam. Porque estaria tão vazio? Era como se tivesse sido enfeitado. Não havia qualquer movimento, não se ouvia qualquer voz.

Parei à porta do quarto. Páris devia estar ali. Estava à minha espera. Regressara dos campos, da doma dos cavalos mais selvagens, como tanto adorava fazer, e devia estar naquela altura a beber um copo de vinho e a massajar uma ou duas contusões resultantes do trabalho daquele dia. Levantaria os olhos e diria: «Helena, o cavalo branco de que te falei...».

Abri resolutamente as portas. O quarto estava assustadoramente silencioso. Também estava escuro.

Entrei, e o sussurro do meu vestido em redor dos pés era o único barulho. — Páris? — disse eu... a primeira palavra que proferia.

Nas histórias, as pessoas são transformadas em pedra. Mas aqui tinham desaparecido. Girei e tornei a girar, procurando alguém nos aposentos, mas não havia nada. A concha de Tróia permanecia, os seus palácios, paredes e ruas, mas tinha sido despojada daquilo que a tornava verdadeiramente grandiosa — a sua gente.

E Páris... onde estás, Páris? Se não estás aqui, na nossa casa, onde estás?

*

Vi a luz do Sol e dei graças por alguém ter aberto as portadas. Agora Tróia podia recomeçar a viver; agora o brilho do Sol iria inundá-la. As ruas encher-se-iam de novo com pessoas e ressuscitariam. Tróia não tinha desaparecido, tinha apenas adormecido. Agora podia acordar.

— Minha senhora, está na hora. — Alguém tocava no meu ombro. — Dormiste demasiado tempo.

Mas eu continuava agarrada a Tróia, no quarto do meu palácio. Páris já devia ter chegado. Claro que sim! Ele ia chegar!

— Sei que é difícil, mas tens de acordar. — Era a voz da criada de quarto. — Menelau só pode ser enterrado uma vez. E hoje é o dia. As minhas condolências, minha senhora. Sê forte.

Menelau! Abri os olhos e olhei esgazeadamente em volta. Aquele quarto — não era o meu quarto em Tróia. Oh, deuses! Eu estava em Esparta e Menelau estava morto.

Menelau, o meu marido espartano, estava morto. O troiano Páris não estava ali. Já lá não estava havia trinta anos. Tróia já não existia. Eu já nem lhe podia chamar uma ruína fumegante pois o seu fumo há muito fora en-

golido pelo céu. Tróia estava tão morta que até as suas cinzas tinham sido dispersadas.

A minha visita a Tróia não passara de um sonho. E até aquilo que tinha permanecido nesse sonho agradável — as muralhas, as torres, as ruas e os edifícios — tinha desaparecido. Não restara nada. Chorei.

Uma mão suave no meu ombro. — Sei que sofres por ele — disse ela. — Mas mesmo assim, tens...

Pus os pés fora da cama. — Eu sei. Tenho de ir ao funeral. Não, mais do que isso, tenho de o presidir. — Levantei-me, ligeiramente zozna. — Sei qual é o meu dever.

— Minha senhora, eu não queria...

— Claro que não. Por favor, escolhe as minhas roupas. — Pronto, isso ia livrar-me dela.

Pressionei as têmporas com as pontas dos dedos. Menelau morto. Sim. Era verdade. A sua confissão, a sua súplica — tudo a mesma coisa. Eu perdoava-o. Tinha sido há tanto tempo. E Páris: *As gerações vindouras comporão canções sobre nós*, dissera-lhe eu. Que jovem tola eu fora. Ele tinha desaparecido. Não se encontrava no meu sonho — e eu sabia agora que se tinha tratado de um sonho. Páris e eu já não estávamos juntos.

Não importava. O sonho tinha-me mostrado o caminho. Eu ia regressar a Tróia após o funeral, depois de estar tudo orientado em Esparta. Tinha de voltar a vê-la, por mais vazia e arruinada que pudesse estar. Era onde eu tinha vivido mais plenamente, onde Helena se tinha transformado verdadeiramente em Helena e se tornara Helena de Tróia.

Na vida real eu tinha voado a grande altura, mesmo que por um breve período: nesse ponto o sonho tinha sido verdadeiro. Outrora tinha existido uma Helena que vivera mais plenamente em Tróia. Interpretem como quiserem. No meu tempo suscitei ódios, guerra e morte. Era conhecida como a mulher com uma coroa de espadas de bronze, em vez de flores, emoldurando-lhe o rosto.

Contudo, não foi obra minha, nunca foi essa a minha intenção. Lanço essa culpa aos pés dos homens que me perseguiram.

Falo de Helena como se soubessem. Mas quem é Helena?

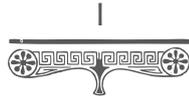
Atentem, que eu vou contar-vos. Sustenham a respiração e ouvi-la-ão falar.



PARTE I

ESPARTA





HELENA. Antes de saber falar, ouvi o meu nome e fiquei a saber que me chamava Helena. A minha mãe sussurrava-o, mas não com doçura; sussurrava-o como se se tratasse de um segredo horrendo. Às vezes sibilava-o, junto ao meu ouvido, e eu sentia o hálito quente dela fazer-me cócegas na pele. Nunca o murmurava e nunca o gritava. Murmurar era para carinhos, e gritar para alertar outros. Ela não queria atrair as atenções para mim dessa forma.

A minha mãe tinha uma alcunha carinhosa para mim, Cisnezinho, e quando a utilizava, sorria, como se lhe desse prazer. Era particular, o nosso pequeno segredo, pois nunca a usava à frente de mais ninguém.

Tal como a névoa que se agarra às colinas se dissipa gradualmente, e a forma sólida das rochas e florestas reaparece, também uma vida toma forma desde as lembranças mais remotas que acabam por consumir-se mais tarde. Do meio do turbilhão de recordações e sensações confusas da minha infância, lembro-me de estar num palácio onde vivia a família da minha mãe e onde ela tinha crescido. Os meus avós ainda eram vivos, mas quando tento recordar-me dos seus rostos, não consigo. Tínhamos ido todos até lá — fugido para lá — por causa de problemas com o trono do meu pai em Esparta. Ele tinha sido expulso e era agora um rei exilado que vivia com a família da mulher.

Sei agora que isto era na Etólia, embora, como é óbvio, naquela altura nada percebesse de localizações, lugares e nomes. Sabia apenas que o nosso palácio em Esparta, bem alto na sua colina, era mais aberto ao sol e ao vento do que este, que era escuro e fechado. Eu não gostava de ali estar e desejava poder regressar ao meu antigo quarto. Perguntei à minha mãe quando aconteceria isso, quando poderíamos regressar a casa.

— Casa? — disse ela. — Esta é a nossa casa!

Eu não compreendi e abanei a cabeça.

— Esta sempre foi a minha casa, onde eu cresci. Esparta nunca foi a minha casa.

— Mas é a minha — disse eu. Tentei não chorar com a ideia de poder nunca mais lá voltar. Achei que tinha conseguido deter as lágrimas nos cantos dos olhos, mas o meu lábio trémulo denunciou-me.

— Não chores, bebezinho! — disse ela, agarrando-me no braço. — As princesas não choram, nem mesmo diante das suas mães! — Odiei a expressão na cara dela quando se baixou para a aproximar da minha. Era longa e estreita, e quando ela franzia o sobrolho, parecia alongar-se ainda mais, esticando-se até parecer o focinho de um animal. — Em breve saberemos quanto tempo ficaremos aqui e para onde iremos depois. Delfos dir-nos-á. O oráculo irá revelá-lo.

*

Seguíamos aos solavancos numa charrete por uma terra selvagem e arborizada. Não parecia tratar-se da terra que rodeava Esparta, aconchegada no seu aprazível vale verdejante. Ali as colinas agrestes, cobertas de vegetação enfezada e de árvores magras, dificultavam a viagem. Ao aproximarmo-nos da montanha onde se escondia o local sagrado de Delfos, tivemos de abandonar as carroças e percorrer a pé um caminho cheio de sulcos que marcavam a encosta. De ambos os lados, árvores altas e magras com ramos que pareciam agulhas erguiam-se em direcção ao céu mas não proporcionavam qualquer sombra, e tivemos de contornar pedregulhos e escalar obstáculos.

— Torna a chegada ainda mais especial — disse um dos meus irmãos, Castor. Ele era uns cinco anos mais velho que eu, tinha cabelo escuro como a minha mãe, mas era uma pessoa amistosa e bem-disposta. Era o irmão mais chegado a mim, alegre e animador, divertido mas sempre atencioso e cuidadoso comigo, a mais nova. — Se fosse fácil de encontrar, não seria o prémio que é.

— Prémio? — Nas nossas costas, arfando e arrastando os pés, surgiu Pólux, o gémeo de Castor. Ele era tão claro quanto Castor era escuro, mas vivia ensombrado pela cautela e desconfiança, contrariando a sua aparência. — Não vejo prémio nenhum, só uma encosta seca e empoeirada até ao monte Parnaso. E para quê? Para um vidente nos dizer o que devemos fazer? Sabes bem que se a mãe não gostar do que ouvir, irá simplesmente ignorar. Por isso, porque é que nos damos ao trabalho de vir, quando ela podia ficar nos seus aposentos, mandar chamar um vidente e ter lá mesmo um ritual divino?

— É o pai que tem de saber — disse Castor. — É ele quem dará importância ao que o vidente disser, mesmo que a mãe não dê. Afinal, é o trono dele que está em causa.

— Foi o irmão dele que o arrancou de lá. Agora, meu querido irmão, apertemos as mãos e juremos evitar tais conflitos.

— Podemos governar juntos. Não vejo nada que o impeça. — Castor riu-se.

— Se o pai não reconquistar o trono, será muito pouco provável que o herdemos — disse Pólux.

— Bem, então prosperaremos a lutar, ganhando todos os prémios, teremos muito gado e mulheres...

— Não tenho dúvida de que conseguirás prosperar. — Subitamente, a nossa irmã mais velha, Clitemnestra, surgiu ao nosso lado. — Isso é um grande dom. — Virou-se para mim. — Estás cansada?

Eu estava, mas não quis admitir. — Não, de todo! — Caminhei mais depressa para o provar.

*

Ao pôr-do-sol, chegámos finalmente a Delfos. Tínhamos trepado e trepado, até passarmos por uma fonte onde outros — que pareciam ter surgido de nenhures — estavam a restaurar forças, passando a cara por água e enchendo os seus odres. A fonte desaguava num lago à sombra de árvores mais elevadas e o sol salpicava a sua superfície. Era um local muito calmo, muito sereno, e eu mergulhei as mãos na água surpreendentemente fria, deixando-a refortalecer-me.

Era já muito tarde para ir ao oráculo, por isso passámos a noite no campo que havia mesmo abaixo dos edifícios sagrados. Estavam lá muitas mais pessoas a dormir ao relento. As estrelas acima de nós eram brilhantes e frias. Olhei para o céu e prometi e mim mesma pedir aos meus irmãos que me contassem histórias sobre elas. Mas naquela noite estávamos todos tão cansados que adormecemos instantaneamente.

*

O Sol atingiu-me os olhos e acordou-me muito cedo. Não precisava de espreitar por cima de uma montanha, como em Esparta, e inundava o céu de luz assim que nascia. À minha volta, outros ocupavam-se a dobrar as suas cobertas e espreguiçavam-se, desejosos por descobrir os segredos de Delfos.

O meu pai estava diferente. Consegui perceber isso pela forma como cumprimentava os outros peregrinos. Falava com eles, mas não parecia escutar as suas respostas. E a sua resposta era vaga e despropositada.

— Temos de nos despachar para sermos os primeiros a chegar ao oráculo. — Olhou em volta para todos os outros, avaliando-os. — As preocupações deles são triviais, nada que se compare com o futuro de um trono. — Ordenou-nos que nos puséssemos a caminho.

*

O oráculo. O futuro. Presságios. Profecias. Até então, eu era livre. Era uma criança sem importância — ou assim pensava. Depois os profetas passaram a governar a minha vida, os parâmetros que me definiam.

*

O meu pai caminhava apressadamente em direcção ao oráculo, inclinando o corpo contra o vento na sua pressa de chegar lá primeiro, quando se ouviu subitamente um grito agudo vindo de uma rocha. Empoleirada no topo estava uma mulher que, com as suas vestes escuras e capuz, mais parecia um abutre ou um corvo do que uma pessoa.

— Vocês! Vocês! — grasnou ela.

O meu pai parou. Todos nós parámos. Ele aproximou-se dela e pôs-se em bicos de pés para a ouvir quando ela se dobrou para falar com ele. Franziu o sobrolho e depois abanou a cabeça. Estava a discutir com ela! Vi-o gesticular. Depois aproximou-se de mim e arrastou-me até ela.

Eu não queria ir. Porque é que ele estava a obrigar-me? Contorci-me e tentei fugir.

— Criança, criança! — gritou ela na sua voz feia e esganiçada. O meu pai levantou-me, enquanto eu me contorcía e tentava escapar, e segurou-me com força. Elevou-me até ela. Ela inclinou-se para a frente, agarrou-me na cabeça e a voz mudou. A mulher começou a emitir uns gritos estranhos e terríveis. As mãos dela pareciam garras e apertavam-me com tanta força que eu receei que a minha cabeça pudesse rachar-se.

— Levem-na para Esparta! — A voz dela era agora como o som da água no lago por onde tínhamos passado à entrada de Delfos: distante e fraca. — Mas ela será a desgraça da Ásia, a ruína da Europa, e por causa dela será travada uma grande guerra e muitos gregos morrerão!

— Larguem-me, larguem-me! — gritava eu. Mas o meu pai segurava-me com força e a mulher respirava ruidosamente, um som horrível, meio engasgado, meio rugido. A minha mãe também lá estava, completamente imóvel. A impotência dos meus pais era o que mais me assustava. Era como se ela os tivesse paralisado de alguma forma.

— Tróia — murmurou ela por entre dentes. — Tróia...

Então, subitamente, o encanto quebrou-se. Ela parou com a respiração forçada e largou-me a cabeça. O meu couro cabeludo picava e eu caí para os braços do meu pai.

*

Continuámos a caminhada até ao oráculo, o famoso oráculo que se encontrava num local secreto e inspirava vapores — ou conversava com o deus Apolo — e o meu pai foi à sua procura. Mas o que lhe foi dito eu não sei. Ainda estava a tremer por causa da violência da mulher.

— A Sibila — corrigiu Clitemnestra. — É a sibila Herófile que deambula fazendo profecias. É mais antiga e mais importante que o oráculo. — Clitemnestra sabia daquelas coisas. Era seis anos mais velha que eu e fazia questão de saber daqueles assuntos. — O que ela diz realiza-se sempre. Enquanto o que o oráculo diz... bem, tem certos artificios. Nem sempre as coisas acontecem como as pessoas acham.

— Porque é que ela agarrou na Helena? — perguntou Pólux.

Clitemnestra olhou para ele. — Sabes bem porquê — disse ela.

— Eu não sei! — disse eu. — Por favor, diz-me!

— Não me cabe a mim dizer-te — disse ela. — Pergunta à mãe! — E em seguida deu uma gargalhada estridente quase tão assustadora como a da Sibila.

*

Voltámos depressa — ou assim pareceu — para o palácio dos meus avós. Os meus pais fecharam-se com os velhos rei e rainha, e eu fui deixada nos meus áridos aposentos. Oh, eu não gostava nada deles e ainda me doía o couro cabeludo por causa das garras da Sibila. Toquei-lhe ao de leve e senti os arranhões.

Grande guerra... muito gregos morrerão... Tróia... eu não sabia o que aquilo queria dizer, mas sabia que tinha assustado os meus pais — e até Clitemnestra, que era habitualmente destemida, a primeira a conduzir uma quadriga com cavalos fogosos, a primeira a quebrar uma regra.

Peguei num espelho e tentei ver o ferimento que tinha na cabeça. Virei a cabeça para um lado e para o outro, mas o ferimento estava demasiado atrás para eu conseguir vê-lo. Então Clitemnestra arrancou-me o espelho das mãos.

— Não! — gritou ela. A voz dela era de alarme.

— Consegues ver o topo da minha cabeça? — disse eu. — Eu não consigo. Só queria fazer isso.

Ela afastou-me os cabelos. — Tem alguns arranhões, mas nada profundo. — Manteve o espelho firmemente seguro na mão.



FOI assim que eu fiquei a saber que estava proibida de usar um espelho. Era uma coisa tão simples — uma superfície de bronze polido que, de qualquer forma, reflectia uma fraca imagem. Eu vira muito pouco quando o erguera acima da cabeça. O rosto que eu mal vislumbrara não era o que tinha imaginado.

Conseguiremos imaginar o nosso próprio rosto? Não me parece. Acho que nos imaginamos invisíveis, sem rosto nenhum, capazes de nos fundir perfeitamente com tudo o que nos rodeia.

A minha mãe observava-se bastantes vezes a um espelho. Parecia que sempre que eu entrava no quarto dela, ela estava a mirar-se, a levantar as sobrancelhas, a virar a cabeça para ver um lado diferente da face, ou a lamber os lábios. Por vezes o que fazia levava-lhe um sorriso ao rosto, mas o mais frequente era fazê-la franzir o sobrolho e soltar um suspiro. Ela pousava sempre o espelho quando me via, chegando mesmo, certa vez, a sentar-se sobre ele para eu não lhe poder pegar.

Seria a minha mãe bonita? Atraente? Sedutora? Encantadora? Bela? Temos tantas palavras para descrever o grau exacto em que uma pessoa agrada os nossos sentidos. Sim, eu diria que ela era isso tudo. Ela tinha, como eu já disse, um rosto alongado e magro, o que o tornava fora do vulgar; na nossa família os rostos eram redondos ou ovais. O nariz era uma fina lâmina perfeita que realçava os enormes olhos rasgados — era nisso que se reparava quando se olhava para ela: naqueles grandes olhos rasgados, que nunca nos olhavam directamente e dominavam o rosto. A característica mais impressionante que ela tinha era o contraste de cores. Tinha uma pele muito branca, cabelo muito escuro e faces que pareciam estar sempre ruborizadas. Tinha também um pescoço comprido e magro, muito elegante. Eu achava que ela sentia orgulho nisso, mas quando certa vez uma pessoa lhe disse que tinha pescoço de cisne, ela expulsou-a do quarto.

O nome dela era Leda, um nome muito bonito, achava eu. Queria dizer «senhora» e ela era sempre delicada e graciosa, por isso, ao escolher esse nome para ela, os meus avós tinham-lhe dado algo em que se transformar.

O meu nome, Helena, era menos certo. Perguntei um dia à minha mãe — quando a encontrei novamente a mirar-se ao espelho e ela o escondeu rapidamente — porque me tinham dado esse nome e qual era o seu significado.

— Minha mãe, sei que Clitemnestra significa «corte digna de louvor», e, como ela é a primogénita, pensei que quisesse dizer que a corte do pai vos tivesse conquistado.

Ela atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada baixa e divertida.

— A corte do teu pai foi exactamente como ele é: estratégica. — Ao ver a minha expressão de espanto, disse: — Quero dizer que ele estava novamente no exílio e que se refugiou em casa dos meus pais. Eles tinham uma filha para casar e ele estava desejoso de o fazer, tão desejoso que lhes prometeu grandes recompensas se eles me entregassem, e foi isso que fizeram.

— Mas o que é que achou dele quando o viu pela primeira vez?

Ela encolheu os ombros. — Que não era desagradável e que eu poderia suportá-lo.

— É só isso que uma mulher pode esperar? — perguntei eu, muito hesitante e também um pouco chocada.

— Sim. — Olhou-me intensamente. — Embora, no teu caso, me pareça que possamos pedir mais do que isso. Conseguir um óptimo negócio. Bem, quanto aos nomes dos outros: Castor significa, como diz o próprio nome, «castor», e ele tornou-se, de facto, uma pessoa bastante trabalhadora, e Pólux significa «vinho muito doce». O teu irmão bem podia beber mais vinho, se isso servisse para o animar.

— Mas o meu nome! O meu nome! — As crianças interessam-se muito por elas próprias. Eu estava impaciente por ouvir a minha história, a história especial acerca de mim antes de qualquer memória, um mistério para o qual só os meus pais tinham a chave.

— Helena. — A minha mãe inspirou profundamente. — Foi complicado escolher o teu nome. Tinha de ser... tinha de reflectir... — Começou a enrolar nervosamente uma madeixa de cabelo, um hábito a que recorria em alturas de incerteza ou inquietação; eu conhecia-o bem. — Quer dizer muitas coisas. «Lua», porque parecias ter sido tocada pela deusa; «tocha», porque trazias luz.

— Eu era um bebé. Como é que podia trazer luz?

— O teu cabelo era claro e brilhava como o Sol — disse ela.

— Lua... Sol... Não posso ser ambos! — Porque seria aquilo tão confuso?

— Bom, mas és — disse ela. — A luz de cada um é diferente, mas é possível ser ambos. Ter atributos de ambos.

— Mas também me chama Cisnezinho. O que quer dizer isso? — Já agora mais valia ficar totalmente esclarecida acerca dos meus nomes.

— Cisnezinho significa «pequeno cisne»; um muito pequenino que acabou de sair do ovo.

— Mas porque é que eu a faço lembrar isso? A mãe nem sequer gosta de cisnes! — Um dia, quando passeávamos à beira do lago de casa dos meus avós, um bando de cisnes tinha vindo na nossa direcção. A minha mãe tinha-lhes virado costas e fugido, e o meu pai tinha-lhes gritado e atirado pedras. A cara dele tinha ficado vermelha e ele tinha gritado: «Afastem-se, seus monstros imundos!»

— Oh, eu costumava até gostar bastante deles — disse ela. — Eram as minhas aves favoritas quando eu era pequenina e vivia aqui com os meus pais. Costumava ir até ao lago para lhes dar comida. Adorava vê-los boiar na água, com os seus belos pescoços curvos e as suas penas brancas.

— Mas porque é que mudou de ideias?

— Fiquei a saber mais sobre eles quando cresci. O meu encanto por eles desapareceu. — Dobrou-se subitamente e emoldurou o meu rosto com as suas mãos longas e magras; longas e magras como o rosto. — Não olhes demasiadamente perto para uma coisa, não te aproximes demasiado, ou o encanto pode desaparecer. É isso que separa as crianças dos adultos. — Acariciou-me a face. — Acredita agora em tudo. Daqui a um tempo já não conseguirás. — Fez um dos seus deslumbrantes sorrisos. — Em tempos adorei-os e ainda adoro o cisne que há em ti.

— Então irei ver os cisnes todos os dias — disse eu muito decididamente. — Enquanto posso gostar deles, antes de descobrir... o que a fez mudar de ideias.

— Então, despacha-te. Em breve partiremos daqui. O teu pai recuperou o trono e vamos regressar a Esparta. Os cisnes raramente aparecem por lá. Não vivem lá, não poisam lá muitas vezes.

*

Oh, que bom era estar de volta! De volta ao nosso adorável palácio, bem no cimo da sua colina sobre o vale do rio Eurotas, com vista sobre a cidade de Esparta na planície. Tinha sentido tantas saudades! Eu adorava o meu quarto, com os seus quadros de pássaros e flores nas paredes brancas e a velha pereira do lado de fora da janela. E todos os meus brinquedos ainda estavam bem guardados na arca, no sítio onde eu os deixara quando fugíramos tão apressadamente.

Claro que ninguém ia querer levar brinquedos, mas o meu pai teve a preocupação de averiguar os seus armazéns para ver o que tinha sido

roubado enquanto o irmão lhe tinha usurpado o trono e vivido no seu palácio. O meu pai tinha esvaziado pessoalmente a sala do tesouro e escondido os seus bens, enterrando-os nos contrafortes das montanhas envolventes.

— Mas não se consegue proteger tudo! — disse ele. — E considero cada azulejo partido um ultraje, cada manto roubado uma violação! *Ele* viveu aqui, ousou invadir o meu palácio! — Estava a ficar de novo ruborizado e a minha mãe tentava acalmá-lo.

— Tíndaro, isso são coisas insignificantes. A única coisa que importa é o teu trono. E está aqui. Tu recuperaste-o.

— O meu irmão... aquele patife!

— O teu irmão está morto — disse terminantemente a minha mãe.

— Odeio-o à mesma!

Ao escutar estas coisas, indaguei-me como seria possível um irmão prejudicar outro de modo a ele se sentir daquela forma. Mas, oh! Eu tinha ainda de aprender as coisas vis que um familiar pode fazer a outro. Eu não compreendia, porque amava os meus irmãos e irmã e eles amavam-me, e eu não percebia como era possível ser diferente.

*

A minha vida era plena de sol, vento e alegria. Eu tinha acesso livre ao palácio, podia ter tudo o que quisesse. Cantava e tocava, e tinha aulas com um tutor velho e simpático que tinham mandado chamar para mim. Não me faltava nada, não desejava nada que não estivesse ao meu alcance. Recordo esse tempo como o mais inocente e feliz da minha vida — se a felicidade consiste em não ter desejos nem preocupações; ter apenas uma existência serena.

Mas, como já era de esperar, olhei um dia para cima, quando os meus olhos e coração eram já mais velhos e capazes de discernir, e vi o muro alto que rodeava o nosso palácio e que me isolava de tudo o resto. Comecei a pedir para me levarem lá fora, para ver o que havia nos campos, nas montanhas e na cidade. Foi-me terminantemente recusado.

— Tens de ficar aqui, dentro das muralhas do palácio — disse o meu pai numa voz que desencorajava discussão.

É claro que as crianças perguntam sempre porquê, mas ele não me quis dizer. — Tem de ser como eu digo — era tudo o que ele dizia.

Perguntei aos meus irmãos, mas eles hesitaram, o que não era nada típico. Castor, que era habitualmente destemido, disse que eu devia respeitar o desejo do meu pai, e Pólux disse apenas que ele tinha as suas razões.

Eu detestava ser a mais nova! Os outros podiam entrar e sair quando bem lhes apetecia, mas Helena tinha de ficar no palácio, uma prisioneira! Nunca teria direito à liberdade?

Decidi exigir que me deixassem sair. Queria aprender a caçar; queria ir de arco e flecha para as montanhas, era embaraçoso ter sete anos de idade e nunca ter segurado num! Dirigi-me aos aposentos do meu pai, empurrando os guardas que estavam à entrada do *megarón*. Senti-me estranha, a empurrá-los daquela forma, já que tinha apenas um terço do tamanho deles, mas eu era uma princesa e eles tinham de me obedecer.

Naquele dia, o *megarón* — a maior dependência, com a sua lareira central aberta e os pilares polidos, onde eram recebidos convidados importantes — estava escuro e vazio. Os aposentos privados do rei, separados dos da rainha, que eram no piso superior, ao lado do *megarón*, ficavam num dos lados do palácio, em frente aos das crianças. Mais guardas apareceram, quando me aproximei dos aposentos mais privativos, e eu empurrei-os também.

Ouvi a voz do meu pai. Ele estava lá! Estava na hora de falar com ele! Falar-lhe-ia do meu desejo de sair do recinto do palácio. Mas então ouvi o meu nome. Parei e escutei.

— Helena — disse ele. — Podemos fazê-lo?

Fazer o quê? Senti o coração parar e depois começar a bater rapidamente.

— Para isso terás de admitir. — A voz da minha mãe. — És capaz de fazer isso? Porque ela vale muito mais se...

— Eu sei, eu sei! — gritou o meu pai. — Percebo isso. — Havia sofrimento na voz dele. — Mas podemos... podes prová-lo sem sombra de dúvida? Vão querer provas...

— Olha para ela! — A voz da minha mãe era triunfante.

— Mas não há nada de concreto. Há a beleza, sim, mas também tu, minha querida, és bela...

Ouvi-a fazer um som de desdém. — O cabelo — disse ela. — A cor do cabelo.

Que é que tinha? Eu não compreendia.

— Tem de haver mais — disse o meu pai. — Não tens mais nada?

O silêncio disse-me que a resposta era não.

— Como podes ter sido tão tola? — gritou ele. — Podias ter pedido *alguma coisa*.

— Se alguma vez tivesses tido tal experiência, saberias o quão estúpido pareces!

— Ah, então eu sou estúpido!

E depois a discussão continuou como já era hábito, e eu percebi que não havia mais nada a saber. Entrei resolutamente nos aposentos e pedi para sair do palácio para ver o que havia lá fora. Franziram ambos o sobrolho e negaram-mo. O meu pai disse que era porque eu era muito nova. A minha mãe, porque ali eu tinha tudo o que precisava.

*

Os anos passaram. Tinha oito e depois nove. Continuava atrás das muralhas, mas habituei-me a arrastar um tronco até uma parte do muro e a empoleirar-me nele para ver o vale que jazia no sopé da montanha do palácio.

Finalmente tive uma pequena vitória: persuadei os meus pais a levarem-me à caça. Eles deixaram-me entrar nos terrenos de caça privados do palácio, nas montanhas do Taígeto, onde não podiam entrar estranhos.

— Vamos iniciar-te com lebres — disse Castor. — Não podem atacar-te, mas correm depressa e é um desafio acertar-lhes com arco e flecha.

As clareiras das florestas e os estreitos vales das montanhas tornaram-se o meu mundo. Eu gostava mais do jogo que da caça propriamente dita. Adorava correr pelos bosques. Era bastante ligeira, tanto que os meus irmãos me chamavam Atalanta, como a mulher a quem ninguém conseguia ganhar uma corrida. Segundo a lenda, muitos pretendentes correram contra ela, mas ela derrotou todos; só um truque de Afrodite permitiu a um deles chegar antes dela.

— Essa Afrodite — tinha dito Castor quando brincara comigo por causa da minha rapidez — ainda vai fazer com que tu tropeces.

— Mas, minha querida irmã, talvez uma corrida de pretendentes não seja má ideia — disse Pólux. — Decerto vencerás as primeiras voltas e isso atrasará o inevitável.

Eu suspirei, encostando-me a um carvalho e deixando a sua cortiça marcar-me a pele. O pai já tinha começado a falar do casamento de Clitemnestra; dizia que estava quase a chegar a hora de ela casar. Todos os bons partidos da área circundante, e até à longínqua Creta ou Rodes, podiam competir por ela. Pois juntamente com a mão de Clitemnestra ia uma coroa: o marido dela sucederia ao meu pai como rei de Esparta — a não ser que já fosse rei por direito, e, nesse caso, levaria Clitemnestra para o seu reino.

— Antigamente, os perdedores não tinham de morrer? — perguntei.

— Isso são lendas — disse Pólux. — Na verdade, acho que os homens são muito mais cautelosos.

— Então se eu impusesse essa condição... isso desencorajaria os homens? — disse eu, com intenção de brincar, mas de repente as palavras da Sibila, *muitos gregos morrerão*, vieram-me à mente. — Não, não estou a falar a sério — disse eu rapidamente.

*

Quando comecei a ganhar perícia, os meus irmãos começaram a deixar-me caçar sozinha; não me seguiam por toda a parte. Muitas das vezes eu deixava a presa fugir e parava para apreciar as clareiras verdejantes do sopé das montanhas do Taígeto. Eram vales brumosos com tapetes de musgo onde o Sol se reduzia a pálidos feixes que tentavam chegar ao chão. Eu adorava ficar ali, um local que parecia tão privado onde nem o Sol conseguia penetrar.

Aí esquecia-me das discussões que ouvia cada vez com maior frequência quando me encontrava inesperadamente com o rei e a rainha. Na floresta, os animais não barafustavam, nem as árvores me faziam sentir desconfortável; sabíamos quais os animais que eram perigosos e que nos poderiam atacar. Na floresta não havia inimigos secretos.



TINHAM-SE passado nove anos desde o meu nascimento e eu já era quase tão alta como a minha mãe. Ultimamente, sempre que eu era chamada aos seus aposentos, ela insistia para que nos puséssemos de costas uma para a outra para ela poder ver o quanto eu tinha crescido. Mandava pousarem um pau sobre as nossas cabeças e perguntava ao criado: «Ainda sou mais alta, não sou?», e ele anuíva obedientemente com a cabeça. Eu perguntava-me o que aconteceria no dia em que o pau se inclinasse e eu fosse a mais alta. E desejava que esse dia nunca chegasse, pois sabia que tal iria desagradá-la, só não sabia porquê.

Quando ela mandava chamar-me, era muitas vezes com o pretexto de me perguntar o que é que o meu tutor estava a ensinar-me. Se eu lhe dissesse que estávamos a aprender a família dos deuses, ela fazia perguntas. A princípio eram fáceis: «Diz o nome dos deuses olímpicos», dizia-me ela. «Apenas os doze que vivem no Monte Olimpo, e mais nenhum». E eu recitava-os. Mas, ultimamente, ela fazia-me perguntas muito mais difíceis. Um dia pediu-me para dizer o nome de todos os filhos de Zeus.

— Os imortais ou todos?

Ela fez um sorriso estranho. — Começa com os imortais.

Eu nomeei-os: — Atena e Perséfone, Apolo e Artémis, Ares e Hermes. — Acrescentei que Hera era sua irmã e que Afrodite não era filha de Zeus mas do seu avô Úrano.

— Estritamente falando, Afrodite não nasceu — disse a minha mãe com uma pequena gargalhada seca. — Mas Zeus assegurou que o Monte Olimpo abundasse de filhos seus. Como ele nunca morrerá nem descerá do seu trono, não precisa de se preocupar quanto à sucessão. Podem acicatarse e discutir o que quiserem, que não faz qualquer diferença. Nenhum deles morrerá, nenhum terá de ser exilado. — Fez uma pausa, sentando-se num banco e estendendo as longas pernas debaixo do fino vestido de linho. Eu conseguia vê-las através do tecido, a pele rosando o linho branco.

Ela viu-me a olhar e alisou o linho sobre as coxas. — O melhor, do Egipto — disse ela. — Eu preferia que tivesse sido azul, mas aqui somos os

últimos a receber a mercadoria. Esta passa primeiro por Micenas, depois de já ter passado por Tróia e Creta e só os deuses sabem por onde mais.

Ela estava prestes a iniciar o seu queixume sobre o isolamento de Esparta. — Mas é muito bonito — garanti-lhe.

— Agora os filhos mortais! — disse ela subitamente. — Nomeia-os!

— Os que Zeus teve com mulheres terrenas? Oh, mãe, como poderei contá-los a todos? — Ri-me. O tutor tinha-me dito os mais importantes, como Perseu e Minos e, é claro, Hércules, mas alguns eram desconhecidos.

— Alguém contou-os a todos; Zeus seleccionou cento e cinquenta mulheres mortais a quem dar a sua... a sua atenção.

— E é claro que todas tiveram filhos — disse eu. Os deuses jamais dedicariam a sua atenção a alguém, deus ou mortal, sem deixar prova.

— Sim, sempre — disse ela.

— Mas é tão... tão peculiar que as mulheres não possam ver o deus, pelo menos na sua forma divina. Agora, quando está disfarçado de touro, ou banhado a ouro...

— Ele fá-lo para protecção delas! Sabes o que aconteceu à tola Semele que quis observar a sua divindade.

Sim, a mãe de Dionísio vira Zeus na sua forma divina e tinha sido instantaneamente reduzida a cinzas. — Foi muito triste — concordei. Ela parecia agitada, como se fosse muito importante o que o tutor me tinha ensinado. Procurei acalmá-la. — Então parece que a curiosidade pode ser perigosa — disse eu.

Ela respirou fundo. — Exacto. Bem, e os outros, além de Hércules e Dionísio?

Tentei recordar-me. — Esses são os mais famosos porque também se tornaram deuses, o que é bastante invulgar. Os outros morrem da forma normal. Há Perseu, que viveu perto daqui, em Argos, Níobe, a primeira mulher mortal de Zeus, e Argo, filho dela e... Ah, mãe, são tantos! Parece que Zeus estava em toda a parte e... não, não consigo dizer o nome de todos. — Era escusado. Muito provavelmente nem o tutor conseguiria. — Alcmena, mãe de Hércules, foi a última — disse eu. — Zeus já não nos visita. — Eu estava grata por isso; não havia mais nomes a memorizar.

A minha mãe começou a gargalhar daquela forma que eu odeio. — Foi isso que ele te disse?

— Sim. — Recuei um ou dois passos. Ela era assustadora quando dava aquela gargalhada. — O tutor disse-me que Zeus... que aquele tempo já acabou.

— Não completamente — disse ela. Abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, mas deu um enorme suspiro de resignação. — Agora

sim. Agora sim. Mas não com Hércules. Zeus tem filhos mais novos. O teu tutor salientou alguma coisa estranha sobre os filhos de Zeus?

Eu não fazia ideia do que ela estaria a falar. — Não — disse eu finalmente. — Claro que são todos bonitos e altos e fortes e têm... como é que se costuma dizer?... «mais do que beleza mortal». Mas fora isso não sei. São todos muito diferentes.

— São todos homens! — gritou ela, levantando-se tão rapidamente que os meus olhos mal conseguiram segui-la. — Homens! Todos homens!

— Talvez ele tenha filhas, mas não as reconheça — disse eu. — Talvez ele não ache adequado ter filhas e por isso não as reclame. — Parecia que Zeus podia pensar assim.

— Disparate! — Ela estava a tremer. — Ele tem filhas divinas no Monte Olimpo e orgulha-se delas. Talvez as mulheres mortais não lhe tenham dado filhas dignas dele. Se deram, podes ter a certeza de que ele terá orgulho delas. Se souber da sua existência. Se souber da sua existência!

— Pensei que ele sabia tudo.

Lá veio de novo a tal gargalhada. — Oh, Hera está sempre a enganá-lo! Não, é perfeitamente possível que ele não se tenha apercebido de que tem uma filha mortal, se ela tiver sido escondida num lugar onde ninguém vai e ninguém a possa ver.

De repente, ao ouvir aquelas palavras, tive um pressentimento horrível. *Escondida num lugar onde ninguém vai e ninguém a possa ver*. Eles tinham-me mantido escondida e Esparta recebia poucos visitantes, e havia tantos segredinhos sobre mim entre a mãe e o pai... e havia os espelhos proibidos. E a minha mãe, tão acalorada e intransigente no que dizia respeito a Zeus. Mas não, era uma ideia tola. Todos os filhos gostam de pensar que são especiais, ou mesmo únicos.

Subitamente, lembrei-me de uma coisa. Talvez fosse isso que ela estivesse a querer dizer-me. — Sou descendente de Zeus! — gritei. — Sim, ele disse-me que Zeus e uma ninfa da montanha, Taígete, tiveram um filho, Lacedémon, e que esse filho é ancestral do pai. — Esperei que ela me recompensasse, batesse palmas e dissesse: «Sim! Sim!»

Ela abanou a cabeça. — Isso foi há muito tempo e não vejo nada de divino no teu pai. O sangue ficou muito diluído, se realmente algum dia se estendeu até ao Monte Olimpo.

Ela tremia. Toquei-lhe no ombro, desejando poder abraçá-la mas sabendo que ela me afastaria. — Bem, não importa — disse eu. — Não vejo como isso poderia afectar-nos. — O que acontecera há muito tempo, numa história, pouco importava.

A minha mãe olhou muito severamente para mim. — Está na hora de ir aos Mistérios — disse ela. — As deusas Deméter e Perséfone estão ligadas à nossa família. Já tens idade suficiente. Iremos todas ao santuário na montanha, e lá aprenderás tudo sobre a tua deusa guardiã. E ela pode revelar muito, se assim o desejar.

*

Ficou decidido que iríamos por altura da celebração dos Grandes Mistérios, no Outono. Eu podia começar imediatamente a minha iniciação para que, quando chegasse ao santuário, pudesse experienciar em pleno os ritos secretos. Só os que tinham treinado e sido aceites pelas deusas é que podiam ver a sua natureza secreta.

Uma mulher mais velha, que servira a minha mãe desde a infância, ensinou-me em privado. Estamos proibidas de revelar o que aprendemos, mas posso contar uma das coisas que toda a gente sabe. A amiga da minha mãe, Agave, começou por me levar num passeio pelos campos recentemente replantados, enquanto me contava a história num tom monótono. Fui obrigada a usar um véu para me cobrir o rosto para que nenhum trabalhador do campo me visse, fazendo com que o dia claro parecesse carregado de nuvens. Marchando ao nosso lado iam dois guardas armados com espadas. Também eles eram iniciados.

Embora a minha visão estivesse enfraquecida, eu conseguia ouvir, e os pássaros e os gritos das vozes humanas diziam-me que estávamos na exultante época do ano em que a Terra rejubila com o regresso do calor. Eu podia sentir o odor bafiento da terra acabada de lavrar e ouvir o resfolegar de bois puxando a charrua. Atrás da charrua curva vinha o agricultor espalhando sementes, largando-as dentro dos sulcos, e, atrás dele, um menino com um enxadão para as cobrir novamente. Grasnando e rodopiando sobre a cabeça dele, os corvos procuravam refeição. Até o som áspero dos seus gritos me parecia alegre. O menino gritava e afastava-os com o chapéu, enquanto se ria.

— A Terra rejubila, e porquê? — Agave parou subitamente, tão abruptamente que eu embati nela. Virou-se para trás e olhou para mim, mas não conseguia ver-me através do véu.

— Porque Perséfone regressou dos Infernos — disse eu. Todos sabiam isso; não era preciso ser-se iniciado.

— E?

— E agora a mãe dela, Deméter, que secava todas as coisas que a terra produzia, vai fazê-las renascer. E é por isso que temos a plantação e o florescimento das árvores de fruto.

Agave anuiu com a cabeça. — Muito bem. Sim. E poderemos ver e ouvir Deméter? Caminhando aqui entre nós?

Fiquei confusa. — Não tenho a certeza. Se a vissemos, acho que ela estaria disfarçada. Ela disfarçou-se quando foi à procura de Perséfone, não foi?

— Sim. — Agave pegou na minha mão e continuámos a caminhar por entre dois campos: um de cevada e um de trigo. Os cereais eram apenas pequenos cabelos verdes e pareciam muito frágeis. — Enquanto a filha estiver com ela, a mãe será boa para todos nós — disse ela. — Mas quando ela partir de novo, vamos ser nós os castigados. As cepas murcham e o frio mata as flores, e nós chamamos-lhe Inverno.

— E detestamo-lo! — resmungou um dos guardas. — Dedos dos pés azuis, dedos das mãos rígidos, e no entanto esperam que lutemos como se fosse Verão. Os campos podem descansar, os ursos podem dormir, mas um soldado espartano não pode parar.

Agave riu-se. — Nenhuma guerra foi travada no Inverno, por isso não se podem queixar.

— Os reis têm de ser guardados no Inverno. E as princesas também. — O soldado piscou-me o olho. — Sim, onde estavam os guardas de Perséfone no dia em que Hades a apanhou? Se Deméter tivesse sido uma boa mãe, não a teria deixado desprotegida daquela forma.

— Não a subestimes ou ela atacará estes campos, e tu, meu amigo, não comerás — disse Agave.

— Não há perigo de alguém fugir com a Helena. O rei quer sempre um guarda com ela, muito embora ela esteja trancada no palácio. O que é que tanto o preocupará, pergunto eu?

— É melhor que não perguntes — disse Agave. A voz dela alterou-se. — Deméter pode estar aqui mesmo nestes campos, por isso cuidado com o que dizes — disse-nos ela. E depois disse-me: — Mas a resposta certa à minha pergunta é exactamente essa. É possível que a vejamos aqui. Mas vê-la-ás, sem dúvida, nos Grandes Mistérios. Isso garanto-te.

Senti um arrepio de excitação só de pensar nisso. Mas era Perséfone quem eu mais queria ver. Ela era jovem, como eu.

*

Perséfone escolhia a época do ano em que os dias e as noites são iguais para entrar e sair de uma gruta especial de um lugar chamado Elêusis. Mas esse lugar era longe de Esparta, perto de Atenas, do outro lado da montanha à nossa frente. Como ninguém das nossas famílias era de lá, indaguei-me sobre o porquê de a deusa e a mãe dela terem decidido proteger-nos.

A minha mãe disse-me que como Deméter era a deusa das colheitas e da abundância, era natural que preferisse Esparta, já que o nosso vale era tão rico e fértil. Estávamos protegidos de ambos os lados por altas montanhas, e através do nosso vale verdejante corria o rio Eurotas, amplo e veloz, regando as nossas terras. Campos de cereais, árvores carregadas com maçãs, romãs, azeitonas e figos, cepas enroladas em carvalhos e cheias de uvas, tudo isto agradaria a Deméter e proclamaria o poder dela sobre as nossas vidas.

— Viste o quão árida era a Etólia — disse ela. — Ou talvez não te recordes, eras tão novinha. Mas não há lugar tão exuberante como Esparta e o nosso vale. Nem Argos, Tirinte ou Micenas juntas. Nem mesmo Pilo se compara a nós. — O inconfundível tom de orgulho encheu a sua voz. — Por este motivo, Deméter ama-nos.

— Ou seremos assim porque Deméter nos ama? — perguntei. — O que é que aconteceu primeiro?

Ela franziu o sobrolho. — Realmente, Helena, és bastante argumentativa e teimosa.

— Não era essa a minha intenção.

— Mas é o que pareces a maior parte das vezes. Não sei porque é que o Vale Eurotas é rico, ou o que é que veio primeiro, e não acho que isso importe. O que importa é que Deméter é a nossa deusa. Abençoou esta terra e, por conseguinte, abençoou-nos.

— Mas, e se não tivéssemos a terra? Ela continuaria a abençoar-nos? — Afinal, se eu me casasse e deixasse Esparta, deixaria de estar nessa terra fértil. Deméter abandonar-me-ia então?

A minha mãe baixou a cabeça e fechou os olhos. Estaria zangada? Tê-la-ia eu ofendido? A respiração dela era pesada, quase como se ela tivesse adormecido. Mas quando ela falou, a voz saiu baixa e hesitante: — Disseste a verdade — disse ela. — Muitas vezes os reis são afastados dos seus tronos e perdem os seus reinos. O teu pai quase perdeu o dele, duas vezes. Houve reis que se afogaram no Eurotas. Em Micenas, a família real tem sobre ela uma maldição por causa da luta entre irmãos pela posse do trono. Coisas terríveis foram feitas... — Estremeceu. — Talvez, nesse caso, os deuses nos abandonem — disse ela. — Não gostam de se envolver nos nossos problemas.

Estávamos sentadas no luminoso pátio do palácio, acariciadas pelo dia soalheiro. No Verão, o exterior era um restolhar de folhas das árvores ornamentais espalhadas pelo pátio, e os pássaros, na esperança de conseguir comida, saltitavam de galho em galho. Eram tão dóceis que desciam até aos nossos pés para conseguir apanhar uma ou duas migalhas. Depois piavam, saltavam para trás e voavam rapidamente para longe do palácio. Quando os via a voar, a minha mãe ria-se, entusiasmada, e eu olhava para ela e constata-

tava que era linda. Os olhos escuros seguiam o voo dos pássaros e eu conseguia localizá-los olhando para ela.

— Vem comigo, Helena — disse ela subitamente. — Quero mostrar-te uma coisa. — Levantou-se e estendeu a mão esguia cheia de anéis. Quando me apertou a mão, os anéis magoaram-me. Eu segui-a obedientemente até aos seus aposentos.

Agora que eu estava a ficar mais velha, estava ciente de que os aposentos dela estavam mais profusamente mobilados do que o resto do palácio. Habitualmente, havia poucos bancos e as mesas eram simples tampos com três pernas. Mas nos aposentos da minha mãe havia cadeiras com braços, almofadas para se repousar durante o dia, cobertas com colchas suaves, mesas com incrustações em marfim, caixas ornamentais entalhadas e taças de alabastro sobre elas. Cortinas muito finas protegiam o quarto da luminosidade forte do Sol do meio-dia, suavizando-a enquanto ondulavam ao sabor da brisa. Por estarmos tão alto, apanhávamos as melhores brisas e os aposentos da mãe eram um refúgio fresco.

Numa das mesas encostadas à parede estavam os objectos preciosos de que ela mais gostava: eu via sempre diversas taças e caixas redondas de ouro puro, e o espelho de cabo de marfim voltado para baixo. Vários ganchos longos de bronze, com extremidades de cristal, estavam dispostos lado a lado. Eu tinha vontade de agarrar no espelho e de olhar cuidadosamente para o meu rosto.

Ela viu-me a olhar naquela direcção e abanou a cabeça. — Eu sei o que estás a pensar — disse. — Anseias ver com os teus próprios olhos o objecto de curiosidade para tantos. Bem, no dia em que estiveres prometida e soubermos que estás em segurança, poderás ver. Até lá... tenho algo para ti. — Abriu uma caixa oblonga e tirou de lá um tecido reluzente que se parecia com uma nuvem. Mas estava agarrado a um aro de ouro. Ela oscilou-o de um lado para o outro, fazendo o tecido dançar e cintilar ao sol. Pequenos arco-íris surgiam através dele, desaparecendo num piscar de olhos. Colocou-o na minha cabeça, encaixando bem o aro. — Está na hora de teres um véu como deve ser — disse ela quando o véu me turvou a visão.

Arranquei-o. — Não quero usar isto! Não há necessidade, aqui no palácio todos me conhecem, não vou suportar! — Apertei o tecido nas minhas mãos, tentando destruí-lo. Mas por mais que o apertasse, este recusava-se a amarrotar-se. Tal era a detestável finura do tecido.

— Como te atreves? — disse ela, tirando-mo das mãos. — Isto custou uma fortuna. Mandei fazê-lo especialmente e o aro de ouro podia ter dado uma ótima taça!

— Não volto a pô-lo, não quero esconder-me atrás de um véu. Deve haver algo de errado comigo. A senhora finge que eu sou linda, mas devo

ser um monstro, para ter de andar escondida da vista de todos. É por isso que não me deixa olhar para um espelho. Bem, agora olharei! — Antes que ela conseguisse impedir-me, saltei até à mesa e agarrei no espelho. Depois corri por entre as colunas e para trás das cortinas e, por um momento, antes de ela conseguir agarrar-me no braço, vi o meu rosto na superfície polida do bronze, vi-o à luz do Sol. Ou, melhor, vi parte dele: os olhos, orlados com espessas pestanas negras, a boca e as maçãs do rosto. Naquele instante fugaz vi o meu rosto corado e os olhos castanhos-esverdeados. Foi tudo o que consegui ver, pois o espelho foi-me arrancado da mão e vi a minha mãe à minha frente. Estava à espera que ela me batesse ou sacudisse, mas ela não o fez. Por um instante, passou-me pela cabeça que ela estivesse com medo de mim, em vez do que vim a saber mais tarde: que estava com medo de me estragar, e ela cuidava bem dos seus bens. — Não és nenhum monstro — disse ela, — embora por vezes te comportes como tal! — Depois riu-se e de imediato o momento desagradável passou. — Então não precisas de o usar aqui, mas tens de me prometer que nunca sairás do palácio, não sem um guarda ou o teu tutor, e, nesse caso, cobrir-te-ás. Oh, Helena... há muitas pessoas que nos desejam mal, que facilmente raptariam uma princesa. Não queremos isso, pois não?

Abanei a cabeça. Mas eu sabia que era mais do que isso. Parecia haver maior receio de eu ser raptada do que qualquer outro dos filhos dela.

IV



OS dias eram cada vez mais longos, os crepúsculos demorados, e o sopro quente do Verão fustigava-nos. Quase conseguia sentir Hélios na sua quadriga lá no alto, o calor radiando do seu caminho, secando a terra abaixo dele. Debaixo da sua mão, as folhas, sujas de poeira, pendiam murchas dos seus ramos, e nós, no palácio, abanávamo-nos com leques para criar as nossas próprias brisas. Na quietude do meio-dia, até as borboletas brancas se escondiam e parecia que nada se mexia.

Entretanto eu aprendia os ritos e segredos dos mistérios de Deméter, o que durou o Verão inteiro. Havia tantos — havia a história da busca dela pela filha, que tinha sido raptada por Hades quando colhia flores primaveris. As sacerdotisas até sabiam que flor ela tinha estado a apanhar — um raro narciso amarelo. A mãe, durante a sua busca, tinha lidado com mortais e assumido a forma de velha ama de um príncipe bebé. Queria ficar com ele? Deméter tentara torná-lo imortal, fazendo-o passar através de uma chama, mas a mãe dele descobrira e pusera um termo histórico à tentativa.

— Ela não compreendia que aquilo iria matá-lo em vez de o tornar imortal — disse a velha Agave.

Eu achava que estes deuses pareciam ter pouca estima por nós e pouca compreensão do quão frágeis somos. Eram verdadeiramente assustadores. Estava feliz por Deméter ser nossa protectora, mas esperava que ela não nos pedisse nada. Poderia ser algo mortífero.

Aprendi a misturar e a beber da bebida especial que era usada nos ritos, uma papa de aveia diluída aromatizada com menta que Deméter bebia na sua triste senda. Tínhamos também uma cesta secreta, a *cista mystica*, que continha objectos rituais. Deram-nos longas tochas que teriam de ser transportadas em procissão até ao local e usadas numa dança sagrada para imitar Deméter procurando a filha na escuridão. Tinha de treinar caminhar com a tocha, agarrando-a com firmeza, e depois aprender a dançar com ela segura apenas numa mão.

Mas havia uma última coisa, provavelmente a mais importante de todas. Sem ela não podia prosseguir para a iniciação. — Tens de ter um carác-

ter moral imaculado — disse solenemente Agave. — As tuas mãos têm de estar absolutamente limpas e o coração imaculadamente puro.

Estremeci perante esta ordem, imaginando-me suja e marcada por todas as minhas faltas de infância. Sei agora que a única coisa que exclui um iniciado é este ser um assassino, mas acho que é bom as crianças ficarem desde logo alerta contra quaisquer faltas. Nem mesmo o facto de se ser um assassino nos afasta para sempre dos Mistérios, pois se expiarmos as nossas faltas e formos purificados, podemos aproximar-nos deles novamente.

Se ser-se assassino nos afastasse permanentemente dos ritos, então o meu pai não poderia ir, certamente, e ele estava a preparar-se entusiasticamente para tal. Eu tinha ficado a saber, escutando escondida e fazendo perguntas, que havia pouca coisa capaz de impedir o meu pai — eu ia começar a dizer *nada*, mas isso não seria verdade — de recuperar o trono e de o manter. Com inimigos como os que tinha, precisava de ser tão implacável como eles. E a terra estava cheia de guerreiros, de assassinos, de rivais e de pessoas más. Sorrio ao dizer «pessoas más» porque se tornou uma piada entre mim e os meus irmãos. — Lá há pessoas más — diziam eles, referindo-se a quase todos os locais que eu mencionava. Creta. Egipto. Atenas. Tessália. Trácia. Síria. Chipre.

— Toda a gente no Egipto? Todos na Trácia? — dizia eu. — Claro que não!

— Oh, isso é o que Pólux está sempre a dizer — dizia Castor, rindo-se. — Mas eu... eu diria apenas que há muitas pessoas más por aí, misturadas com as boas. Comerciamos com todas essas pessoas, e sem elas o nosso palácio estaria de facto muito desprovido. Pelo menos, desprovido dos luxos de que a mãe gosta.

— Por isso tem cuidado, irmãzinha, com todas essas pessoas más! — disse Pólux na sua voz grave. Depois riu-se. — Muitos estranhos surgem para os Mistérios, embora geralmente prefiram Elêusis. Mas é-lhes exigido que falem grego, portanto isso elimina os bárbaros, se não os verdadeiramente maus.

*

Os dias começaram a encurtar. A princípio mal se dava por isso, exceptuando o facto de conseguirmos ver as estrelas um pouco mais cedo. Depois a manhã começou a penetrar de forma diferente no meu quarto e os ventos que invadiam o palácio mudaram. Sussurravam de ocidente, trazendo noites frias para dormir. Agora, finalmente, era chegada a hora de ir até ao santuário dos Mistérios e ao encontro das nossas deusas.

Partiríamos de madrugada, e levantámo-nos ainda antes disso para comer, em silêncio, os novos cereais e para saborear os novos vinhos. Depois vestimos as túnicas e os mantos em ouro e verde que usávamos em sua honra e pegámos nas nossas tochas. Uma carroça, carregada com as nossas oferendas dos campos e das árvores, estava a postos para se pôr a caminho connosco. Quando o Sol começou a nascer no horizonte, já nós estávamos nas suaves colinas que conduziam ao santuário.

Eu tinha colocado o tão odiado véu, como prometera, e entoava os hinos às deusas que me tinham sido ensinados. Não era suposto conversarmos, mas eu ouvia a mãe e o pai a falarem em voz baixa entre si. Clitemnestra seguia atrás deles, de cabeça submissamente baixa, mas o mais provável era que estivesse a tentar ouvir a conversa deles. O ar era fresco e profuso com o aroma dos campos acabados de ceifar. Senti-me subitamente rendida à beleza e riqueza do Outono.

À medida que seguíamos viagem, os caminhos tornavam-se mais estreitos, e em breve a carroça não poderia continuar a subir connosco. Criados retiraram as oferendas para as transportar — os enormes potes de cereais e de fruta oscilando. A cesta sagrada com os objectos rituais ia separadamente na sua própria plataforma. À medida que íamos subindo, muitas outras pessoas começaram a juntar-se a nós, vindas das cabanas e casas dos contrafortes. A minha mãe virou-se para verificar se eu estava a usar o véu.

Nos ritos todos eram iguais, por isso as pessoas podiam debater-se por um lugar próximo de nós e caminhar livremente como nossas companheiras. Os nossos guardas — que eram também iniciados — impediam-nas de se encostarem mesmo a nós, e os meus irmãos, muito embora os seus lábios formassem as palavras dos hinos, olhavam atentamente em volta para nos proteger. No recinto sagrado não seriam permitidas armas, mas por enquanto podiam ter as suas espadas a postos.

O caminho começou a inclinar acentuadamente, ficando simultaneamente mais apertado, o que obrigou os peregrinos a formarem uma fila estreita, e, de repente, uma curva conduziu-nos a uma sinistra rocha cinzenta que nos bloqueava a passagem. Sem perceber porquê, senti um arrepio percorrer-me o corpo e depois revivi tudo na minha mente: a rocha com a Sibila em cima gritando a sua terrível profecia. Havia também algo nesta rocha e eu encolhi-me, preparando-me para o que se escondia lá.

Encolhidos em volta da rocha, pessoas vestidas de trapos apupavam-nos e insultavam-nos. — Tíndaro! Não te tenho visto no mercado! Porquê? Estás sempre a tentar vender as tuas filhas, não estás? — gritou uma.

— Só o Cisnezinho! — gritou outra.

Como se atreviam a tratar-me pelo meu nome secreto? Como é que o conheciam?

— Olha para a tua mulher! Olha para a tua mulher! — gritaram em coro. — Sopra as penas das coxas dela!

— O que virá a seguir? — Agora atacavam a minha mãe. — Um touro, como a rainha de Creta? Experimenta um porco-espinho!

Uma empoleirou-se na rocha e agitou os braços fazendo ondular o manto. — Voa, voa! O grande pássaro voou!

Os meus pais mantiveram-se de cabeça baixa, o que não era nada seu costume, e não retorquiram.

Clitemnestra passou por elas somente com insultos sobre a sua vantajada constituição física e grandes mãos, e depois foi a minha vez. Olhavam-me fixamente, gemiam e faziam ruídos, e uma tentou tirar-me o véu, enquanto crocitava: — Ela tem bico? Ela tem bico?

Agora que alguém o queria levar, lutei para não perder o véu. Agarrei-me com força ao aro de ouro e segurei-o na cabeça, fazendo uma careta.

— Esta é lutadora! — gritou uma. — A cara dela deve precisar de protecção.

— Onde está a casca do ovo? Quão grande era?

Havia mais, mas não me recordo. Passei por elas o mais rapidamente possível sem correr, pois não queria mostrar medo, mas estava a tremer. Quando emergimos do outro lado, e os gritos foram dirigidos para os que seguiam atrás de nós, corri até à minha mãe.

— Acabou — disse ela. — Não podíamos dizer-te, pois faz parte da iniciação passar por um muro de insultos. Mas saíste-te muito bem. — Havia orgulho na voz dela.

— Porque é que é necessário isso? — Parecia-me cruel e sem sentido.

— Para nos tornar iguais aos outros — disse o meu pai. — Os reis e as rainhas têm de suportar os insultos como as outras pessoas, e, independentemente do que nos digam, não podemos castigá-las por isso. É essa a regra. — Riu-se como se não importasse, mas eu sabia que ele ia ficar a matutar no assunto.

— Ensina-nos a humildade — disse a minha mãe. — Todas as pessoas precisam de saber o pior que se diz delas, principalmente se viverem rodeadas de adulares.

Estávamos parados à espera que Pólux e Castor saíssem da confusão.

— Dizem que aprendemos com isto — disse o meu pai, com o estranho trejeito de boca que sempre fazia quando estava a pensar. — Acabei de aprender uma coisa: o que devemos chamar à Helena a partir de agora. Espalharemos aos quatro ventos que ela é a mulher mais bela do mundo. Sim. É isso que diremos. Ela terá de continuar a usar o véu, o que aumentará a curiosidade e o seu dote.

— Estou muito longe de me casar. . . — Oh, assim esperava! Tinha apenas dez anos de idade. — O véu. . .

— O que as pessoas não conseguem ver prontamente, imaginam. Anseiam. É algo que as consome. E as coisas ansiadas são preciosas e as pessoas pagam muito bem por elas. Se aparecessem arco-íris todas as manhãs, seriam ignorados. Se tivermos um arco-íris aqui, em ti, então proclame-mo-lo, mas deixemos poucos vê-lo.

A minha mãe semicerrou os olhos. — A mulher mais bela do mundo. Seremos capazes? Seremos capazes de reivindicar tal coisa?

Nesse momento os meus irmãos apareceram a correr e a rir. — Eles sabem demasiado! — disse Castor. — Parecem saber tudo sobre nós!

— Sabem o que nos ferirá — disse eu. — Não tenho a certeza do que mais saberão. É fácil saber o que magoará uma pessoa.

Clitemnestra olhou aprovadamente para mim. — Helena tem razão. Insultar alguém é tarefa fácil. Mostrarmo-nos superiores ao insulto é que já não é tão simples. Lembramo-nos dele durante muito mais tempo do que dos elogios. É assim que somos.

— Então os deuses também devem ser assim, pois parecem ter por garantidos os nossos elogios e sacrifícios, mas guardam eterno rancor quando há omissões e desconsiderações — disse o meu pai com um grunhido. Olhou para o caminho adiante. — Vamos, estamos a perder tempo.

Tranquilos, agora que já tinham passado os comentários mordazes, deixámos o ar pungente da montanha refrescar as nossas faces coradas. Eu pensava, confusa, nas palavras proferidas. Bicos? Cascas de ovo?

Continuávamos a subir. As montanhas do Taígeto eram tão altas que a neve persistia nos seus cumes denticulados muito para lá da época em que as flores da maçã e do marmelo já tinham desaparecido do vale, e chegava mais cedo, antes das colheitas. Não havia uma montanha mas várias, formando uma enorme parede que atravessava o centro do nosso país. De um dos lados estava o temível Lago Estínfalo, onde Hércules tinha matado as aves malévolas; do outro estava Némea, onde ele tinha esfolado o leão com a pele impenetrável. Eu ansiava ver estas coisas.

Deixaste realmente o palácio, dizia para mim mesma. Não é um começo? O sombrio lago Estínfalo e os outros locais onde Hércules executou os seus trabalhos terão de esperar. Mas vê-los-ás, sim, um dia vê-los-ás.

A luz do dia já estava a enfraquecer quando nos aproximámos do local sagrado, como era suposto. Deparámos-nos com um arvoredor de álamos negros que se projectavam acima das outras árvores, oscilando ao sabor da brisa e sussurrando os seus mistérios. Caminhámos pelo estreito corredor que criavam e entrámos de imediato em terreno plano onde fulguravam centenas de tochas.

— As deusas saúdam-te. — A meu lado, uma sacerdotisa de manto estendeu-me uma vasilha longa e estreita e disse-me que bebesse. Eu inclinei-a sobre os lábios e reconheci a poção com sabor a menta feita de aveia branca colhida do campo sagrado de Deméter. Depois apontou para um homem que tinha uma tocha acesa na mão e na qual eu deveria acender a minha. Obedeci.

Com a minha tocha acesa, fui instruída a juntar-me às luzes tremeluzentes no campo à minha frente, que transformavam o terreno num céu cheio de estrelas. Centenas de devotos dançavam, giravam e teciam intrincados padrões e cadeias de movimento na escuridão, segurando as suas tochas.

— Dançamos para as deusas — segredou-me uma sacerdotisa ao ouvido. — Não tenhas medo, não te retraias. Oferece-te a elas.

Rodeada de adoradores, fui levada para o meio deles, independentemente da minha vontade. O terreno escuro era irregular e era difícil não tropeçar, mas os dançarinos pareciam flutuar sobre o chão e, ao juntar-me a eles, também eu flutuei. Perdi os meus pais, os meus irmãos e irmã; deixei a Helena que tinha de usar um véu e de se manter escondida e obedecer, e libertei-me. Senti Perséfone pegar na minha mão. Ouvi-a murmurar: — Quando te levarem, não será o cativoiro mas a liberdade. — Eu conseguia sentir o toque da sua mão suave, cheirar a riqueza do seu cabelo. Embora não conseguisse vê-lo, de alguma forma sabia que era ruivo.

De imediato tudo parou. A dança cessou, e a sacerdotisa ergueu as mãos. Mal conseguia vê-la na penumbra.

— Beberam a bebida sagrada — disse ela. — Acolheram a deusa em vós próprios. Agora têm de recitar a vossa promessa secreta.

O burburinho de centenas de vozes misturadas era impossível de decifrar. Mas a promessa era a seguinte: *Jejuei. Entrei na cesta sagrada e, tendo aí trabalhado, deixei um resíduo na cesta ritual. Depois, ao retirar-me da cesta ritual, regresssei à sagrada.* Posso recitá-la aqui, sabendo que é incompreensível àqueles que não conhecem os Mistérios. Não estou a traír nada.

Satisfeita, gesticulou para que formássemos uma enorme espiral no solo sagrado. A sua extremidade seria a primeira a entrar na sala de iniciação e o resto desenrolar-se-ia atrás. Quando entrássemos, devíamos extinguir as nossas tochas numa grande pedra mesmo à entrada do edifício. Cada tocha mergulhada na água emitia um último protesto.

O interior estava completamente às escuras. Uma escuridão profunda e assustadora, como a de um túmulo, como a escuridão que sentimos quando acordamos e não sabemos se ainda estamos vivos. Só a pressão dos outros corpos à minha volta me assegurava que eu não tinha morrido, não estava perdida.

— Feliz é aquele entre os homens sobre a Terra que viu estes Mistérios; mas aquele que não é iniciado, e que não tem qualquer participação neles, não receberá nada de bom após a sua morte nas profundezas da escuridão — gritava uma voz distante e ressoante.

— Dobrem-se perante as deusas — ordenaram-nos. Senti, mais do que vi, um movimento numa direcção e segui-o. À minha frente ouvia suspiros e gemidos e, quando me aproximei, mal consegui distinguir os contornos vagos das estátuas de Deméter e de Perséfone. A mãe, vestida de cores radiosas, estava à frente, e, atrás dela, como uma sombra negra, estava a filha. Passámos rapidamente em frente delas, não nos sendo permitido demorar, e fomos conduzidos a outra sala mais pequena.

Um esmagador aroma a flores preenchia o ar. Eu não tinha a certeza de quais, pareciam-me várias misturadas. Seriam íris, jacintos e narcisos esmagados? Mas não era época destas flores, portanto, como é que as imagens das deusas podiam tê-las encontrado?

— Estas foram as últimas flores que colhi antes de ter sido raptada — disse uma voz fantasmagórica, flutuando no ar densamente perfumado. — Podem sentir o que eu senti, cheirar o que cheirei... — A voz triste calou-se.

Ficámos mergulhados numa escuridão ainda mais profunda, como se tivéssemos descido com ela para dentro do abismo. Senti-me cair.

No fundo, onde cheguei depois de muito deslizar, vi-me sozinha. Levantei-me e tentei perceber onde estava. Tudo em meu redor era negro, escuro como breu.

— É isto que todos lá em cima têm de enfrentar — sussurrou uma voz suave ao meu ouvido. — Mas tu... tu não precisas de vir a este lugar de trevas. Esse é o destino dos mortais.

— Eu sou mortal. — Consegui finalmente articular as palavras.

— Sim, de certo modo. — Agora um suave suspiro, quase uma gargalhada. — Depende de ti o quão mortal és.

A voz... a presença... eu tinha ido ao encontro dos Mistérios e eles tinham prometido que a epifania divina se manifestaria. E tinha acontecido. — Não percebo o que queres dizer — disse eu.

— Então a tua mãe não fez o que deveria ter feito — disse ela. — Ela devia ter-te dito a verdade acerca da tua origem.

— Se sabes, por favor, diz-me! — gritei eu. Parecia-me que estava a sós com ela, a ter uma audiência privada. Não havia ninguém à nossa volta. Teria eu caído dentro de um fosso sagrado?

— Nós duas somos irmãs — disse ela. — É tudo o que te posso dizer.

Se ao menos eu soubesse quem ela era, saberia o que perguntar. — Quem és tu? — murmurei.

— De quem é este santuário? — Ela parecia insatisfeita.

Oh, eu não queria que ela estivesse insatisfeita! — De Deméter e Perséfone.

— Exactamente. E quem sou eu?

Devia ser a filha! — Perséfone?

Senti então um calor espalhar-se e envolver-me. — Correcto. — Uma enorme pausa. — Mas a minha mãe também é digna de louvor — disse ela. — E serias sensata em tomar nota disso. O facto de uma filha ter crescido não significa que a mãe deixe de requerer homenagem.

Naquela altura eu não sabia o que é que ela queria dizer. Mais tarde viria a saber de tudo muito bem.

Ela desceu e aproximou-se. Conseguia senti-la perto de mim. — Irmã — murmurou. — Podes confiar em mim. Estarei sempre contigo. Tem cuidado com as outras deusas.

Como é que ela podia pensar noutras deusas, ou imaginar que eu pensasse? O seu fulgor, um fulgor que penetrava a escuridão e brilhava na minha mente, avassalava-me. — Sim — balbuciei.

— E agora aguardo outros — disse ela.

Claro, a deusa está sempre pronta para o que se segue, enquanto nós, mortais, olhamos para trás, para o que acabou de acontecer e que acabámos de ver. Nesse aspecto eu era completamente mortal. Os meus olhos estavam cegos com a esplendorosa visão dela, embora eu nunca tivesse visto verdadeiramente o seu rosto. Tinha sido essa a sua intenção.

*

Aglomerámo-nos na grande sala, à espera. A noite já ia longa, embora não tivéssemos forma de saber quão tarde era. O tempo tinha voado como um corvo de asas negras. Tudo tinha desmoronado e eu estava despida de tudo o que sabia, de tudo o que era, de tudo o que tinha sentido. Estava nua perante os deuses, aguardando a sua revelação.

Uma luz refulgiu; a resposta veio no último ritual representado para nós. Vi o milagre, o âmago do segredo. A partir daquele momento, a morte nunca mais me assustou. Compreendia-a. Podia transcendê-la.



AQUILO que eu tinha visto na câmara recôndita consumiu-me durante um tempo, e eu continuei a deliciar-me com o esplendor daquela visão muito depois de ter regressado a casa. Contentava-me com as minhas aulas, praticava lira — já era suficientemente velha para aprender a tocá-la — e senti orgulho quando deixei de ter tamanho para o pequeno arco de olmo que Castor me tinha feito e consegui disparar um maior, bem como caçar animais de maior porte. Nada de lebres; agora podia fazer pontaria a cabras selvagens.

O Outono desvanecia-se num esplendor majestoso; o seu bronze transformando-se em castanho, os frutos colhidos e os campos em pousio, adormecidos. Juntávamo-nos no interior do palácio, esfregando as mãos rígidas do frio em frente à lareira do *megarón* e suportando as canções e poemas monótonos dos bardos que nos visitavam. Nem todos os cantores são dotados, e aqueles que não o eram pareciam ter uma atracção especial pela casa do meu pai.

Eu achava que a experiência no santuário fosse durar mais tempo, aplacando o meu desejo de ver mais, mas quando chegou a Primavera, eu já não suportava mais a minha clausura. Escapar por um bocadinho só piorara as coisas. Não interessava que o nosso palácio fosse aberto às brisas que o atravessavam, acariciando-o como às cordas de uma lira. O vale verdejante e a sua pequena cidade abaixo murmuravam-me de forma tentadora, como sempre acontece com tudo o que é proibido.

Clitemnestra veio ter comigo quando eu estava, em bicos de pés, em cima de uma pedra a espreitar para o outro lado do muro, agarrou-me as pernas abaixo dos joelhos e sacudiu-me. Eu quase caí.

— Pára de esticar o pescoço, ainda o vais deformar. — Riu-se e estendeu os braços e eu saltei para o colo dela. Ela era tão forte que nem sequer oscilou quando o meu peso a atingiu.

— Leva-me lá! — disse eu subitamente. — Por favor, por favor!

Ela olhou em volta para ver se estava alguém à escuta. Mas estávamos completamente sós. — Agora?

— Sim, agora! — disse eu. — Ninguém está a prestar atenção, podemos regressar antes de darem pela nossa falta. Oh, por favor, tu podes ir sempre que queres, mas eu sou obrigada a ficar aqui amarrada como uma escrava. Não, nem mesmo uma escrava, os escravos não são amarrados.

Consegui perceber que ela estava a ponderar. Clitemnestra gostava muito de desafios.

— A não ser que tenhas medo — disse eu, sabendo que ela teria de provar que não tinha.

Ela troçou. — Eu? — Respirou fundo. — Está bem, despachemo-nos!

Olhando nervosamente em redor, esgueirámo-nos até à porta das tra-seiras e descemos apressadamente a encosta da colina. A sombra das oliveiras e dos ciprestes da colina deu lugar a um Sol esplendoroso quando saímos de debaixo dela, tornando o verde dos prados deslumbrante.

— É mais bonito do que jóias! — disse eu. Corri pelo campo aberto, sentindo a erva fria contra as pernas, surpreendida pelas flores escondidas no meio das ervas: umas pequeninas púrpura, outras brancas, pequenos salpicos de flores cor-de-rosa.

— Helena! — A habitual voz de comando de Clitemnestra tinha uma nota de preocupação. — Helena!

A minha cabeça ficava pouco mais alto do que os caules da erva e ervas daninhas, e eu acenei-lhe com os braços. — Estou aqui.

— Sai daí, antes que eu te perca de vista — disse ela. — A erva aqui é demasiado alta.

Mantivemo-nos no caminho que conduzia ao rio e descemos até à margem. Lá, uma vez mais, tínhamos sombra — debaixo dos tamariscos e salgueiros que cresciam perto da água, os seus ramos recentemente rebentados projectando sombras na corrente e margens. A água lamacenta passava ondeante, voltando e sacudindo pequenos flocos brancos.

— A ninfa da água está a ondular — disse Clitemnestra. Parecia estar a recordar-se de algo que a fez sorrir.

— Qual é que vive aqui? — indaguei-me.

— Não sei o nome dela — disse Clitemnestra. Mas, por algum motivo, eu sabia que ela sabia. Ela só não queria dizê-lo. Talvez fosse sagrado.

Aproximei-me da beirinha da água, onde cresciam os juncos. — Gostava de a ver. — Tive de falar bem alto para a minha voz se fazer ouvir sobre o murmúrio da água atravessando os juncos. Mergulhei um dedo do pé e achei-a fria. As neves do Taígeto ainda estavam a derreter.

Clitemnestra veio pôr-se a meu lado. Os nossos reflexos tremiam na superfície da água. Dobrei-me para a frente para ver melhor o meu, mas Clitemnestra puxou-me para trás.

— Não — disse ela.

Senti que tinha de ver qual era o meu aspecto e descobri uma força surpreendente para empurrar Clitemnestra, que era muito maior que eu. Ela afrouxou momentaneamente o aperto e eu atirei-me para a frente e vi uma cara a fitar-me de olhos esbugalhados, tão assustada como eu estava.

Não me parecia nada como tinha imaginado, embora já soubesse — pelo olhar furtivo ao espelho da minha mãe — que os meus olhos eram castanhos-esverdeados, que eu tinha pestanas espessas e escuras e que os meus lábios eram carnudos e bem delineados. Agora podia ver tudo, ver a minha cara como os que me rodeavam.

Inclinei-me mais, até quase tocar na água, e então o meu nariz tocou realmente a superfície e a imagem começou a ondular e a afastar-se. Sustive a respiração e aguardei que voltasse a parar para conseguir ver de novo a minha imagem e o que os outros tinham andado a ver e a negar-me, para conseguir estudá-la e memorizá-la. Ela ditava a minha vida, mantinha-me prisioneira, por isso não teria eu o direito de saber como era?

— Não. — Clitemnestra puxou-me pelo braço. — Pára, ou vais acabar como Narciso. — Respirou fundo. — O homem que se apaixonou de tal forma pelo seu reflexo na água que Apolo o transformou em flor. É isso que queres? — Ela mantinha um tom de voz descontraído, mas não conseguia disfarçar o medo. De que teria medo?

— Não — disse eu, recuando obedientemente, pois ela tinha conseguido assustar-me. — Não quero ficar enraizada num lugar, mesmo que seja um lugar tão encantador como a margem deste rio.

Mas assim que regressámos ao caminho ensolarado que conduzia à cidade, a minha apreensão desvaneceu. Afinal, eu não tinha visto nada para além de um reflexo e nenhum rosto detinha qualquer tipo de poder, pelo menos nenhum rosto humano.

*

O caminho era bastante sinuoso, umas vezes entrando pelo prado em direcção à cidade, outras curvando para trás para abraçar de novo a margem do rio. Nesta altura o Sol já ia suficientemente alto, mesmo neste início de Primavera, para recebermos de bom grado a sombra sempre que voltávamos a passar debaixo de árvores à beira da água. A certa altura, o rio alargava formando uma lagoa escura. A nadar serenamente à sua superfície estavam três cisnes majestosos, os seus pescoços curvos bem erguidos, as penas brancas cintilantes impossivelmente puras contra a sujidade da água.

Parei, sustendo a respiração. Atrás de mim, Clitemnestra estacou.

— São tão belos — sussurrei, como se eles não existissem verdadeiramente e o mais infimo som pudesse fazê-los desaparecer.

Eu nunca tinha visto cisnes assim tão de perto, mas fiquei paralisada com a sua graça imperiosa e conquistadora. Olhei e olhei; eles deslizavam por mim como se fossem espíritos, sem prestar atenção a qualquer outra criatura no rio.

Um deles virou a cabeça, girando-a suavemente e fixando os olhos surpreendentemente pequenos em mim antes de nadar direito a nós. Dirigia-se para uma zona convidativa de erva na margem, com íris e violetas salpicando o verde.

Ele parecia ter um propósito, parecia dirigir-se deliberadamente para nós. Sentindo-me honrada e entusiasmada, recuei um pouquinho e agarrei na mão de Clitemnestra. O cisne, o maior dos três, apercebi-me naquele momento, não ficou intimidado com o pequeno movimento que eu tinha feito.

Fitou-me intensamente nos olhos.

Tínhamos cães no palácio, cães de caça, e o meu pai e irmãos tinham-me dito: «Um animal desvia sempre o olhar quando o fitamos; é ele o primeiro a desviar os olhos. Isso acontece porque o homem é senhor dos animais. A não ser, é claro, que não seja nenhum animal mas um deus disfarçado...»

Os deuses gostavam de se disfarçar de animais, pelo menos nas épocas mais remotas em que nasceram as histórias que tanto adoramos, mas este cisne era do meu tempo. E era destemido.

Estava quase em cima de nós; estava a aproximar-se da margem em que nos encontrávamos. Tinha a face virada para nós; e, sobre o bico preto e laranja, os olhos eram enigmáticos.

— Não! — gritou Clitemnestra, e chegou-se à frente de pau na mão. — Outra vez, não! Não voltes aqui, criatura cruel!

O cisne parou e depois nadou furiosamente na nossa direcção, levantando as asas e subindo para a lama, emitindo um som agressivo.

Era enorme. De asas abertas fazia Clitemnestra parecer minúscula, e ela recuou e encontrou uma pedra para lhe atirar. Esta acertou-lhe em cheio no bico fazendo-o virar a cabeça.

Qualquer outro animal teria fugido, mas o cisne atacou. Grasnando furiosamente, avançou para Clitemnestra e, oscilando o pescoço para trás e para diante, bicou-a e mordeu-a. Ela caiu de frente na lama e levantou as mãos para proteger a cabeça. O cisne prendeu-a e começou a bicar-lhe a nuca e os braços enquanto emitia um assobio áspero horrível, como vapor saindo de um pote em ebulição. Os outros dois cisnes continuavam com o seu sereno deslizar sobre a água.

Eu aproximei-me e atirei-me sobre o dorso do cisne. Que mais podia fazer para salvar Clitemnestra? Finquei os dedos nas penas. Estas eram espessas, brilhantes e macias, e eu senti o poder subjacente e os músculos. Não se tratava de nenhuma almofada nem de uma nuvem, mas de força,

glória e implacabilidade dissimuladas sob a beleza das penas brancas e da forma graciosa.

— Deixa-a! Deixa-a! — gritei, e depois agarrei no pescoço do cisne, um tubo oscilante que parecia uma cobra feroz.

Como se as minhas mãos não tivessem qualquer força, ele rodou aquele pescoço debaixo delas e olhou-me directamente nos olhos. Os pequenos olhos negros pareceram expandir-se até preencherem todo o meu campo de visão e me hipnotizarem com o seu poder.

— Pára — sussurrei, os meus lábios quase tocando no bico duro.

O bico abriu-se e prendeu-me o pescoço. O interior tinha pequenas saliências, pontas minúsculas, e eu senti-as beliscar-me a carne. Ele seguiu suavemente na pele e oscilou ligeiramente a cabeça como se estivesse a acariciar... ou a beijar. Então soltou-me e afastou-se para olhar novamente para mim. Enrufou as penas, fazendo-as levantar e obrigando-me a deslizar para o chão. Ficou quieto por um instante, a observar-me. Em seguida arqueou outra vez o pescoço e afagou-me os cabelos com a cabeça. Depois virou costas e voltou a entrar na água, flutuando serenamente ao encontro dos companheiros.

Clitemnestra sentou-se, a arfar. Tinha os braços cobertos de lama e o rosto sujo de lodo.

— Amaldiçoo-te! — gritou ela ao cisne.

— Não! — Agarrei-lhe o braço. — É perigoso. Não faças isso. Ele pode vingar-se! — Aquele não era um cisne comum.

Então ela proferiu palavras misteriosas. — Que mais pode ele fazer? — perguntou ela com azedume. — Já está feito. — Levantou-se e gritou para a água: — Amaldiçoo-te! Amaldiçoo-te!

Os cisnes tinham deslizado para a escuridão das sombras da água.

*

Fizemos o resto do caminho até à cidade em silêncio, abaladas pelo que tinha acontecido na margem do rio. Por um momento pensei em regressar para o palácio, mas, quando isso acontecesse, seria difícil conseguir sair novamente — seria mais vigiada do que nunca.

De lábios contraídos, Clitemnestra arrastava-se agarrada à minha mão. Tinha a face suja de lama. Nas costas do manto dela eu conseguia ver as pegadas lamacentas das patas do cisne agressivo.

Puxei-lhe a mão. — Por favor, podemos abrandar um bocadinho? E podias sorrir? Acho que vais assustar as pessoas da cidade.

Ela abanou a cabeça e esboçou um ligeiro sorriso. Eu conseguia sempre fazê-la sorrir quando mais ninguém conseguia. Então ela riu-se, de

um modo um pouco esganiçado. — Tens razão — disse. — O melhor é rirmos do que aconteceu. Juntas. Mais ninguém ia acreditar em nós. — Ajoelhou-se e olhou-me directamente nos olhos. — Não podes contar a ninguém.

— Porquê? Foi tão... — As palavras morreram-me nos lábios quando vi a expressão dela. — Não, não contarei — disse eu.

— Muito bem. Ninguém pode saber. Tem de ser um segredo nosso.

*

A cidade surgiu perante nós a seguir a uma curva do caminho, que se tinha alargado e tornado suficientemente grande para a circulação de carroças. Num momento estávamos no que parecia tratar-se de um caminho rural, rodeado de prados, gado a pastar e jardins, e de repente estávamos a entrar na cidade de Esparta.

Não era uma cidade muito grande, percebo agora, mas naquela altura pareceu-me enorme — tantos edifícios, tão próximos uns dos outros, e tantas pessoas. Atravessámos as portas — pequenas quando comparadas com as que vi posteriormente em Tróia — e entrámos nas ruas.

De repente havia pessoas por toda a parte, movimentando-se como uma enorme colmeia. Deslocavam-se apressadamente em todas as direcções, como se tivessem todas sido chamadas ao mesmo tempo para uma tarefa vital. Eu esperava ouvir burburinho, mas os sons eram muito mais altos que isso — gritos, rangidos e estalos de chicote.

Alguns burros de carga caminhavam pesadamente pela rua, embatendo em paredes de casas, esforçando-se debaixo de odres e potes de barro, mas o que mais havia era pessoas — pessoas carregando cestas de cereais e rolos de tecido.

— Vamos ao mercado. Gostavas de ir, não gostavas, Helena? — perguntou Clitemnestra. Chegou-se mais a mim e colocou-me um braço por cima, como que para me proteger e esconder a minha cara descoberta.

Acenando afirmativamente com a cabeça, tentei libertar-me para conseguir ver melhor. Mas o braço dela segurou-me com firmeza enquanto ela me conduzia rua abaixo.

Chegámos ao mercado, uma zona onde desembocavam várias ruas para formar um espaço aberto. Vi fileiras de pessoas sentadas em tapetes no chão, com os cestos de figos secos ou folhas de menta e os potes de mel e outras comidas.

Havia algo cintilante num cesto mais fundo, e eu dobrei-me para espreitar lá para dentro. Lá bem no fundo conseguia ver uma espécie de bugiganga que reflectia a luz do Sol e meti a mão para tirar uma.

Era uma pulseira de arame retorcido, engenhosamente executada por forma a parte do arame ficar espalmado e reflectir a luz.

A vendedora foi rápida a agarrar-me na mão e a enfiar lá mais uma pulseira, mas Clitemnestra foi ainda mais rápida a retirá-la, juntamente com a primeira. Puxou-me a mão com brusquidão.

— Não podes — sussurrou ela. — Anda. — Tentou virar-me ao contrário, mas era demasiado tarde. O olhar da mulher já tinha saído do meu braço, um braço como o de qualquer outro potencial cliente, e pousado no meu rosto para me convencer a comprar. Mas em vez de proferir as habituais frases persuasivas, a mulher soltou um guincho. Os olhos, que até então não tinham visto mais do que uma possível venda, arregalaram de incredulidade.

— É ela! É ela! — gritou. Levantou-se de um salto e agarrou-me pelos braços, puxando-me para ela e derrubando o cesto de pulseiras, espalhando-as pelo chão.

Resmungando, Clitemnestra puxou-me de volta e começaram as duas a puxar-me como se eu fosse uma saca de cereais.

— Socorro! Socorro! — gritou a comerciante aos companheiros. — Agarrem-na! É Helena!

Eles levantaram-se de imediato e correram até nós. Clitemnestra era mais forte do que a vendedora de pulseiras e tinha conseguido arrancar-me das mãos dela, escondendo-me sob as dobras do seu manto, mas estávamos completamente cercadas. Só guardas armados teriam conseguido afastá-los.

Clitemnestra segurava-me com tal força que eu não conseguia ver nada, mas conseguia senti-la tremer. — Para trás! — ordenou ela num tom de voz severo. — Para trás, ou responderão perante o rei! Deixem-nos partir em paz.

— Deixa-nos ver o rosto dela! — exigiu uma voz do meio da multidão. — Deixa-nos ver o rosto dela e depois podem ir.

— Não — disse Clitemnestra. — Não têm o direito de olhar para a princesa.

— Estamos a ver a tua cara — disse outra voz mais profunda, — e também és nossa princesa. Deixa-nos ver Helena! A não ser que ela seja um monstro, com o bico de um cisne, o bico do pai dela...

— O pai dela e o meu são o mesmo. O vosso rei Tíndaro. Parem com essas calúnias — disse Clitemnestra numa voz esganiçada.

— Então mostra-nos! — exigiu uma voz de homem. — Porque é que ela tem estado escondida no palácio todos estes anos, sem nunca nos ser mostrada como tu foste, ou Castor e Pólux foram, abertamente, vindo à cidade, brincando nos prados? A não ser que seja verdade... ela

é filha de Zeus, que apareceu à rainha em forma de cisne, e nasceu de um ovo...

— Um ovo azul-jacintino! — gritou outra voz. — Eu vi a casca... preservada...

— Que disparate! — berrou Clitemnestra. — Têm ido muito ao santuário de Jacinto aqui perto e ele colocou essas fantasias nas vossas cabeças...

— Não, o ovo é real, a casca era mesmo azul...

— Alguém viu o cisne e a rainha nas margens do rio. E por vezes o cisne regressa como se estivesse com saudades. Ele é maior do que os outros... mais forte... mais branco...

— Deixem-nos passar! — comandou Clitemnestra. — Ou amaldiçoo-vos!

Seguiu-se um momento de silêncio enquanto consideravam as palavras dela. Eu continuava a não conseguir ver nada, envolta como estava nas dobras do manto.

Uma voz quebrou o silêncio. — Ela é um monstro! É por isso que a escondes!

— Um monstro! Um monstro como as Górgonas. Uma aparição hedionda!

— Deixem-nos passar! — repetiu Clitemnestra. — Ou talvez... se ela for um monstro, deixo-vos vê-la e será essa a maldição. Lembrem-se do poder das Górgonas, que transformam as pessoas em pedra.

Um suave murmúrio seguiu-se à ameaça. Eu devia ter-me sentido mais segura, mas as palavras de Clitemnestra, apesar de astutas, magoaram-me. Ela estava disposta a pintar-me como um monstro terrível de observar, e fazer o povo de Esparta crer nisso, em vez de ceder à sua exigência.

Fugi de debaixo do manto de Clitemnestra e tirei o capuz, destapando a cabeça perante a multidão.

Era uma multidão enorme — um círculo de pessoas com várias fiadas. Nunca tinha visto tantos rostos.

— Sou Helena! — gritei. — Vejam à vontade! — Levantei bem a cabeça e preparei-me.

Fez-se silêncio. Um silêncio profundo e completo. Os rostos viraram-se para mim, como as margaridas dos campos seguem a Lua à medida que ela faz a sua viagem nocturna através do céu. As suas expressões foram substituídas por uma calma tão serena como se estivessem todos sob esse luar.

Finalmente, alguém murmurou: — É mesmo verdade. Só a filha de Zeus poderia ter um rosto assim.

— Tão terrível... ofusca... — murmuravam. Mas o que as pessoas estavam realmente a ver no meu rosto era também o poder que despoletaria tanto conflito e destruição.

Virámos costas e deixámo-las ali, autênticas pedras, como uma Górgona as teria deixado, e percorremos as ruas, atordoadas, como se tivéssemos sido enfeitiçadas.

Mas era eu quem tropeçava e me sentia enfeitiçada. Zeus. Tinham-me chamado filha de Zeus, tinham dito que ele tinha acasalado com a minha mãe em forma de cisne. O cisne que nos tinha atacado seria — poderia ser — o meu *pai*?

O Sol ainda brilhava, mas eu só conseguia ver o branco do cisne e aqueles olhos implacáveis, e os espartanos fitando-me, paralisados. Então era para isso que servia o véu, era por isso que eu era vigiada, era por isso que a minha mãe tinha fugido dos cisnes no lago perto da casa dos meus avós e que o meu pai lhes tinha atirado pedras e chamado monstros imundos. E era por isso que ela me chamava Cisnezinho... Tudo em meu redor começou a rodopiar e eu caí no chão.

VI



NÃO dei por nada até acordar nos braços de Clitemnestra quando ela subia a colina com dificuldade. Ela arfava com o esforço de me levar ao colo; fiquei espantada com a sua força e agilidade enquanto avançava pelo caminho irregular e íngreme.

— Eu... eu... — Eu queria que ela parasse, queria perguntar-lhe tudo enquanto ainda estivéssemos as duas sozinhas. Não havia ninguém por perto; devíamos ter conseguido despistar os espartanos que nos perseguiam.

— Não fales! — disse ela. As palavras eram firmes mas a voz tremia-lhe.

— Mas preciso! Tens de me dizer, toda a gente sabe de coisas sobre mim menos eu, até os espartanos sabem...

Ela parou e pôs-me no chão. — Foi uma tolice os nossos pais não te terem dito nada. E obrigaram-nos a prometer que também não diríamos. Como se um dia não acabasses por descobrir. Tudo: o véu, os espelhos, o isolamento! Que estupidez a deles!

*

As portas do palácio começaram a desenharem-se em frente; estavam fechadas, como sempre, mas Clitemnestra gritou: — Abram! Abram, por favor! — E as portas abriram-se. Quando entrámos, pôs-me no chão e virou-se para ajudar os guardas a fechar e a trancar as portas. Não parecia haver ninguém atrás de nós, mas não podíamos ter a certeza.

Achámos que estávamos em segurança, e Clitemnestra estava a segredar-me para eu ir imediatamente para o meu quarto antes que fôssemos apanhadas quando, de repente, o meu pai surgiu de debaixo do pórtico. Olhou em volta, franzindo o sobrolho, e viu-nos no momento em que as portas acabavam de se fechar. Aproximou-se imediatamente de nós e agarrou no braço de Clitemnestra.

— Serão castigadas por isto! — disse ele. — Severamente castigadas. Desobedeceram às minhas ordens. Tu — aproximou a cara da de Clitem-

nestra, e, nesse instante, apercebi-me do quão parecidos eram os dois, — tens idade suficiente para saberes o que fazes, e por isso irás sofrer o pior castigo. E tu — voltou-se para mim, — tu podias ter sido ferida. Arriscaste-te e colocaste-nos em perigo.

— A única coisa em perigo são os seus direitos de regateio em relação à Helena, caso ela tivesse ficado fisicamente lesada de alguma forma — respondeu Clitemnestra.

O meu pai recuou a mão e deu-lhe um estalo na face, mas ela nem pestanejou, semicerrando apenas os olhos. — Vai imediatamente para o teu quarto e espera lá pelo teu castigo! — ordenou-lhe ele.

Surpreendentemente, ela obedeceu, deixando-me com o meu pai. Ele continuou a fitar-me e eu percebi que Clitemnestra tinha dito a verdade: estava a ver se a mercadoria não estava danificada. Satisfeito por isso não se verificar, relaxou e libertou-me. — Tu também; para o quarto. — Colocou firmemente a mão nas minhas costas para me empurrar.

Nessa altura a minha mãe saiu dos seus aposentos e viu-nos. Ficámos parados e esperámos que ela se aproximasse, o vestido esvoaçando. O rosto dela era uma máscara de preocupação. Agarrou-me pelos ombros e começou a chorar.

— Controla-te, Leda. Ela está em segurança — disse subitamente o meu pai.

— Oh, onde foste e o que foi que fizeste? — perguntou ela.

Eu tinha de mostrar arrependimento. — Oh, mãe, desculpe. A Clitemnestra não teve culpa. A culpada fui eu. Convenci-a a tirar-me do palácio porque queria ver Esparta. Fomos à cidade, e algumas pessoas viram-me e ficaram entusiasmadas... — Ela respirava pesadamente mas mantinha-se em silêncio, por isso continuei. — E no caminho brinquei nos campos, e nas margens do rio... — Não devia contar, tinha prometido a Clitemnestra que manteria segredo, mas de repente apercebi-me de que seria a única forma de forçar a minha mãe a revelar o seu próprio, e muito maior, segredo. — Estava lá um cisne enorme, que perseguiu a Clitemnestra e a atacou, e eu enfrentei-o e ele olhou para mim e... e *beijou-me*. — Olhei inocentemente para ela. — Ele parecia gostar de mim, não sei porquê. Mãe, foi como se me tivesse reconhecido!

A minha mãe deu um pequeno grito abafado. — Oh, como é que... como é que ele fez isso?

— Foi como se quisesse dizer-me alguma coisa.

Ela endireitou-se, como se estivesse a emitir uma ordem ao próprio corpo. — Amanhã de manhã vai ter comigo aos meus aposentos, Helena. Depois de teres cumprido o teu castigo.

Clitemnestra foi levada para o local das chicotadas, onde os jovens eram iniciados na idade adulta e punidos com açoites. Eu fui mandada para o meu quarto e proibida de comer, e foi-me ordenado que dormisse no chão de pedra em vez de na cama. Tive também de dormir às escuras. As lamparinas foram retiradas. Passei uma noite fria e assustadora, e não conseguia parar de ver o cisne com os seus olhos pretos, nem os olhos dos espartanos quando me tinham visto. Estava assustada não com o que tinha já acontecido, mas com receio do que iria ouvir da minha mãe no dia seguinte. Pois não iria sair do quarto dela sem saber a verdade acerca de mim. Estava determinada a saber toda a verdade.

O Sol tinha acabado de nascer quando me embrulhei numa manta de lã e me dirigi aos aposentos da minha mãe. Os aposentos não ficavam longe da enorme sala do trono, com a sua lareira aberta, para que a rainha pudesse retirar-se discretamente quando uma noite formal se prologava demasiado, o que acontecia muitas vezes.

Ela tinha acabado de se levantar e uma criada pousava-lhe sobre os ombros uma capa macia da cor de cinzas, quando eu entrei no quarto. Percebi que ela se levantara apenas fisicamente. Também ela não tinha dormido.

O Sol acabado de nascer espalhava a sua luz por entre as colunas do quarto, estendendo-se pelo chão como braços delgados.

— Minha querida — disse ela. — Vem cá comer alguma coisa comigo. — Apontou para o tabuleiro que tinha um favo de mel e um pouco de pão. Mas não comeu, e eu também não.

— Helena, estou muito preocupada contigo — disse. — Sabias que não podias sair dos limites do palácio. E a tua irmã sabia isso, certamente. Ela está completamente indomável e é tempo de lhe arranjar um marido que a governe. Mas algo terrível podia ter acontecido... algo terrível quase aconteceu. — Teve um pequeno estremezimento.

Basta de evasões. A verdade tem de ser revelada. — Mas mãe, o que poderia realmente ter acontecido? Aquelas pessoas são suas súbditas, e não fariam mal à sua princesa. Talvez se as fosse ver mais vezes...

— Não! — Bateu com as palmas para me silenciar. — Não.

— É aquela profecia — disse eu. Eu sabia que de alguma forma a Sibila era parte da razão pela qual eu era mantida em cativeiro. A Sibila e o cisne. Começando com a Sibila. — Há muito tempo... quando fomos a Delfos... estava lá uma bruxa, uma profetisa, não sei ao certo o que ela era, mas ela fez uma previsão sobre mim... algo sobre eu ser a ruína da Ásia, a ruína da Europa, a morte de gregos. Está a tentar evitar isso mantendo-me prisioneira?

Esperava que ela negasse, mas ela anuiu com a cabeça. — Sim. Estávamos com esperança de dar a volta ao destino.

Nas minhas aulas, eu tinha ouvido as lendas: como o avô de Perseu soubera que o filho da sua filha o mataria e por isso os mandara embora, mas em vão — ele matara-o à mesma; como Édipo tinha sido informado de que mataria o pai e se casaria com a mãe, e por isso partira para Tebas, e no caminho matara involuntariamente o pai e, como recompensa, recebera a mãe como esposa, uma vez mais sem intenção. Era inútil tentar evitar o que estava predestinado.

Recordei as palavras do meu pai: *Saber é poder. Um inimigo visto a longa distância não pode surpreender. Um inimigo avistado por perto pode ser despistado e evitado.*

Até então não tinha aparecido inimigo nenhum. Mas a Sibila não tinha dito quando os problemas apareceriam. Nem sob que forma. Apesar das palavras corajosas do meu pai, é difícil precavermo-nos contra uma coisa que não conseguimos reconhecer. Édipo aprendeu isso.

— A mãe sabe que é impossível evitar aquilo que está predestinado.

— Mas temos de tentar. — Virou-me as costas e dirigiu-se à mesa onde tinha os frascos de unguentos e óleos aromáticos, e verteu um pouco de óleo na palma de uma das mãos. Depois estendeu-a e quando eu acenei afirmativamente com a cabeça, ela passou um dedo pelas minhas faces.

— Que pele tão suave — disse ela. — Meu Cisnezinho.

Agarrei-lhe nos pulsos. — Mãe! Chegou a hora de me dizer o que parece ser do conhecimento geral. Cisnezinho. Pequeno cisne. Sou um pequeno cisne, mãe? E não tente iludir-me falando da minha graciosidade, das minhas túnicas de linho branco, e por aí fora, como fez o pai. Qual é a verdade? Qual é a verdade de que falam todos os espartanos? Que a senhora e o cisne... mas não era um cisne, era... era... — Não consegui dizer, parecia demasiado presunçoso. — Eu vi o cisne, e as suas penas eram de um branco reluzente, um branco que deslumbrava, como as nuvens antes de o sol as atravessar, e encandearam-me.

A minha mãe ficou imóvel por um momento. Baixou a cabeça e eu percebi que estava a reflectir, a pesar quanta verdade seria sensato revelar. Eu conseguia ver o cimo da cabeça com o seu cabelo escuro e brilhante — tão diferente do meu — mas não conseguia ver-lhe a cara, não conseguia ver a luta que ia dentro dela. Por fim, ela ergueu a cabeça e eu percebi que tinha vencido a sua batalha. Ia dizer-me a verdade.

— Vem cá — disse ela, chamando-me para que me sentasse ao seu lado no sofá. Abraçou-me com firmeza e eu senti o corpo dela contra o meu. Esperei. — Minha querida — disse ela, — não há outra forma de dizer isto:

quando o teu pai estava fora, o pai de todos os deuses, o governador do Olimpo, veio até mim. Escolheu-me, não sei porquê. E, sim, veio na forma de um ser mortal, um cisne. Olhar para ele em toda a sua glória significa a morte para um mortal, e ele não queria que eu morresse. Partiu ao romper da aurora, a esta mesma hora, por isso não há manhã que eu não me despeça novamente dele e sinta a sua partida. E, sim, tivemos um filho, que és tu.

Suspeitas, receios, sonhos... não é o mesmo que os saber como realidade. Senti-me zozna e encostei-me a ela.

— És a sua única filha — disse ela. — Oh, ele tem muitos filhos, mas és a sua única filha mortal, filha de uma mulher mortal. Ele vai proteger-te, apesar do que disse a Sibila. Foi por isso que procurámos contrariá-la, pois Zeus é mais poderoso que uma mera Sibila...

— Mas... o pai...

— Ele sabe. Mas finge não saber. Talvez seja melhor assim. Devemos respeitar o orgulho de um homem. Ele chama-te «a mais bela mulher do mundo» mas não se atreve a admitir como é que isso é possível. Claro que a filha de Zeus será de uma beleza imortal, enquanto viver. — A voz dela ficou triste. — Mas os filhos de deuses e mortais são sempre mortais — disse. — Isso é inevitável. Morrerás assim como eu. Mas, enquanto viveres, faremos de tudo para te proteger.

Baixei a cabeça em aquiescência. Estava tudo revelado; agora eu compreendia.

A minha mãe pegou numa madeixa do meu cabelo e aproximou-a do dela. — O meu é da terra e o teu é dos céus. Vê como brilha, cheio de ouro!

— Mãe, ele não lhe deixou nada? — Eu sabia, das histórias, que os deuses eram implacáveis, que perseguiam os mortais e depois os descartavam. Mas, por vezes, deixavam-lhes uma lembrança.

— Só o que consegui apanhar — disse ela. Levantou-se e dirigiu-se sonhadoramente a um recanto na parede. Pegou numa caixa de marfim entalhada com uma tampa abobadada. Retirou a tampa e mostrou-me a caixa. No interior, quatro longas penas de cisne cintilantes, tão puras que reluziam e emitiam luz própria, uma luminosidade nada natural.

Penas. Quando ela poderia ter pedido qualquer coisa.



COMO haviam prometido, os meus pais anunciaram imediatamente que a filha mais velha, a ilustre princesa Clitemnestra, estava em idade de casar. Os seus predicados foram acentuados: uma linhagem impecável — ela era descendente dos primeiros reis de Esparta, e com a sua mão poderia ir até a herança desse trono — e proveniência de uma casta fértil, agradável à vista e saudável. É claro que nada foi dito relativamente à sua natureza obstinada e rebelde, nem em relação à indiferença para com as tarefas femininas, nem sobre a sua força física, comparável à de um homem. O meu pai disse que esperava que aparecesse uma boa oferta e quis abrir o concurso tanto aos estrangeiros como aos gregos.

— Estou disposto a considerar um egípcio ou um sírio — disse ele.

— O Egipto seria desperdiçado com Clitemnestra — disse a minha mãe, alisando o cabelo com dedos compridos e nervosos. — O linho tão fino e esvoaçante, as pulseiras envernizadas, os perfumes... era o mesmo que os oferecermos a um lobo.

— É verdade, a tua filha é muito diferente de ti. Sei que és tu que anseias por tais coisas, e irias invejá-las em Clitemnestra. — Riu-se como se gostasse de a saber invejosa. — Mas, minha querida, temos de pensar somente no que o casamento poderá trazer para Esparta, e não nos luxos de que sentes falta.

— Um estrangeiro, independentemente do quão rico, seria um fracasso. Os outros iriam olhar-nos com superioridade.

Eu tinha ido em bicos de pés até ao quarto deles e mal me atrevia a respirar, para não ser descoberta.

— Que olhem. Com superioridade, inferioridade, como for, desde que tenhamos uma ligação a um porto endinheirado.

— Nunca ouvi falar de nenhum estrangeiro que viesse cá fazer a corte, nem num casamento desse tipo — disse a minha mãe. — E Esparta não tem porto, por isso, como é que a ligação a um estrangeiro iria ajudar-nos? O comércio iria todo para Micenas, para onde já vai.

— Tróia — disse subitamente o meu pai. — Fica muito mais perto e o

Egipto comercia através dela, por isso não precisamos de nos preocupar com um egípcio. Além disso, os troianos são mais ricos que os egípcios.

— E também mais bonitos — disse a minha mãe. Então foi a vez de o pai ser acicatado. — Dizem que são tão atraentes que nem os deuses conseguem afastar-se. Zeus uniu-se a Ganimedes, e a própria Afrodite não conseguiu conter a paixão por aquele pastor, como é que ele se chamava? Bem, certa vez, quando te ausentaste, chegou um em missão diplomática. Entretive-o sozinha, é claro. — Sorriu. — Não foi uma tarefa nada difícil.

Eu quase conseguia sentir as penas agitando-se naquela caixinha, fazendo troça do meu pai.

— Está bem, nada de estrangeiros — disse ele finalmente. — Deve haver gregos suficientes de onde escolher.

Estava eu prestes a aparecer quando, de repente, a minha mãe disse: — Acho que chegou a hora. Acho que chegou a hora de Helena ser vista. Então a palavra espalhar-se-á, e quando ela estiver em idade de se casar, as ofertas serão astronómicas.

— Sim! E podemos dizer que ela é a mulher mais bela do mundo! — O meu pai parecia jubiloso ao proferir a sua frase favorita.

A minha mãe franziu o sobrolho. — Mas espera... isso não irá prejudicar as hipóteses de Clitemnestra? Talvez os pretendentes decidam esperar por Helena.

— Hum... sim, isso poderia ser um problema — admitiu o meu pai. — Mas parece-me um desperdício mantê-la escondida quando aparecer toda essa gente. Quando teríamos de novo uma oportunidade destas?

— De qualquer forma, existem vantagens — disse a minha mãe. — É melhor pensarmos no assunto e não nos precipitarmos.

*

No Verão glorioso, quando o Sol brilhava com todo o seu esplendor, os pretendentes de Clitemnestra chegaram. Um a um, treparam a íngreme encosta até ao palácio, levando consigo as suas esperanças e ofertas. Um a um, foram recebidos pelo rei e pela rainha, e instalados nos seus aposentos.

As regras da competição pela mão da filha do rei vinham de há muito tempo e eram rígidas. O meu pai tinha de alimentar e dar albergue aos pretendentes até um deles ser escolhido; era permitido a um pretendente enviar um representante em seu lugar, se vivesse muito longe ou fosse demasiado poderoso para aparecer como suplicante; poderia haver algum tipo de prova, como uma corrida ou jogo de tiro com arco, embora os resultados já não fossem comprometedores.

Enquanto assistia à chegada do cortejo de pretendentes, indagava-me onde iriam ficar todos aqueles homens. Tinham sido colocadas camas debaixo dos pórticos de madeira, onde eles poderiam dormir ainda parcialmente protegidos, embora ao relento. A minha mãe tinha-se apropriado de todos os cobertores e velocinos disponíveis para servir de cama, e os cabreiros tinham trazido os seus animais para alimentar a multidão. Intermináveis potes de cereais e de azeite eram produzidos, e as grandes ânforas de vinho foram abertas para bebida e libação. Era tão importante que a riqueza e a hospitalidade do meu pai parecessem ilimitadas quanto que os pretendentes se fizessem passar por guardiães da porta da promessa.

Vieram uns doze — um número impressionante. Entre eles estavam o príncipe de Tirinte, dois filhos de Nestor de Pilo, um guerreiro de Tebas, um primo da Casa real de Teseu de Atenas e um jovem rei da minúscula Némea. Os restantes enviaram emissários — vindos de Rodes, Creta, Salamina e da distante Tessália. E depois, no último dia, os irmãos Átridas — Agamémnon e Menelau de Micenas — subiram a encosta e pararam diante das portas do palácio.

A minha mãe ficou visivelmente pálida e levou uma mão trémula ao pescoço. — Não... — sussurrou, tão baixo que apenas eu, sentada mesmo ao seu lado, consegui escutar.

O rosto do meu pai nada revelava. Deu-lhes as boas-vindas como fizera com os outros, com a mesma frase: *Nobres convidados, entrem em minha casa.*

Eu sabia da maldição que se abatia sobre a sua família. Todos sabiam. Numa terra em que nós, as crianças, crescíamos a ouvir histórias de assassinatos monstruosos e de traições, a história dos filhos de Pélops ainda se destacava, uma história que ainda não tinha terminado e que por isso era ainda mais assustadora.

Um breve resumo: o rei Pélops teve dois filhos, Atreu e Tiestes. Lutando pela supremacia, Atreu matou os três filhos de Tiestes e cozinhou-os num guisado que depois serviu ao irmão. Horrorizado, Tiestes amaldiçoou Atreu e toda a sua descendência. Atreu teve dois filhos, Agamémnon e Menelau.

A história não fica por aqui, adultérios e mais assassinatos, relações antinaturais, traições e mentiras. Mas agora, a personificação da maldição, Agamémnon, tinha ido em busca da mão de Clitemnestra.

Agamémnon era um homem atarracado, de cabelo escuro, com uma barba cerrada e lábios grossos. Os olhos eram estranhamente grandes e o nariz carnudo; o pescoço era curto e por isso a cabeça parecia sair directamente dos ombros. Quando tinha de olhar para o lado, precisava de girar quase o corpo todo. Vi o quão musculados eram os seus braços, estendidos dos la-

dos, e vi subitamente uma imagem daquele homem estrangulando alguém. Que ele conseguia fazê-lo com as próprias mãos, eu não tinha dúvida.

Atrás dele, um criado carregava uma caixa comprida e estreita embutida a ouro, estendendo-a como se fosse um precioso sacrifício.

— Isso é um ceptro? — perguntou o meu pai.

— Sim, de facto. Achava que eu viria sem ele? — A voz de Agamémnon era tão pesada e dolorosa como o resto dele.

O meu pai virou-se então para cumprimentar o outro homem, irmão mais novo de Agamémnon. — Menelau, nobre convidado, entra em minha casa.

— Agradecido, grande rei.

Menelau. A primeira vez que o vi. Como o irmão, tinha ombros largos e era bastante musculado. Mas o cabelo era de um dourado mais claro e avermelhado, espesso e ondulado como a juba de um leão, e a boca estava curvada num sorriso e não numa careta. Era difícil acreditar que também ele carregasse a negra maldição, pois nada na sua pessoa sugeria tal coisa.

— Rei Tíndaro, venho apoiar o meu irmão na sua coragem em candidatar-se à mão da princesa. — Aquela voz era sincera, mas não áspera. Era bastante profunda, fazendo-o parecer maior do que era, mas era uma profundidade que transmitia segurança.

— Não compreendo — disse o meu pai. — Não vens apresentar-te como pretendente?

— Já houve demasiada rivalidade entre irmãos na nossa família — disse ele. — Não causou já sofrimento suficiente? Não, é suficiente eu poder encorajar pessoalmente o pedido do meu irmão. — Baixou a cabeça de uma forma estranhamente formal e nesse momento viu-me. Tal como os outros, ficou a olhar fixamente. Todos os que tinham entrado no palácio e passado pela família real e por mim, tinham igualmente estacado por um momento. Alguns tinham gaguejado. Outros engolido em seco.

Ele sorriu um pouco, não disse nada e seguiu o criado.

Obrigada por não dizer nada! Pensei eu. *Obrigada, obrigada!* Fiquei imediatamente grata.

Pois o meu desejo tinha sido realizado: apresentar-me perante as pessoas sem qualquer tipo de barreira, sem um véu. Tinha sido desagradável. Depois de os dois primeiros homens terem agido como se tivessem visto uma aparição, eu tinha ficado envergonhada, depois assustada e depois zangada. Estava mais aprisionada sem véu do que tinha estado coberta. Mas não tinha eu pedido exactamente aquilo?

*

Os homens tiravam à sorte a ordem do dia da sua apresentação. Nenhum queria ser o primeiro; algures para o fim era mais vantajoso. Se se tratasse de uma exibição sem prémio à vista, aparecer perto do fim teria sido mau, porque nessa altura a assistência estaria já inquieta e desatenta. Mas, neste caso, o homem que se apresentasse em primeiro lugar poderia já ter sido esquecido por Clitemnestra quando chegasse a hora de ela escolher.

Euchir, jovem rei de Némea, teve o azar de ser o primeiro. Aguentou-se bem. Falou do vale de Némea, dizendo que este ficava suficientemente longe de Esparta de modo a que Clitemnestra pudesse sentir que tinha realmente uma nova casa, mas também suficientemente perto para que ela nunca se separasse da família. Prometeu uma coroa que não tinha outros reclamantes nem profecias. (Bem visto! Os irmãos Átridas devem ter odiado isso.) Depois, com elegância, ordenou que abrissem a sua arca e revelou parte da pele impenetrável do leão de Némea que Hércules tinha estrangulado — o orgulho da cidade.

Percebi pela expressão no rosto de Clitemnestra que ela não ficou impressionada. Ele era apenas um miúdo, demasiado franzino e imaturo para sequer merecer consideração. Ela confirmou os meus pensamentos recusando-se a perguntar-lhe fosse o que fosse, e ele teve de se retirar juntamente com a sua pele de leão.

No banquete que se seguiu, o bardo tocava a sua lira e recitava os feitos dos ancestrais de Euchir. A sua voz ouvia-se cada vez menos devido ao barulho crescente no salão à medida que o vinho fazia os homens conversar mais alto. Ele olhava furiosamente para eles; aquele bardo não era cego como tantos outros.

Após um bom bocado, a festa acabou e pudemos ir para a cama.

*

E assim continuou durante dias. Após os primeiros dias, começaram todos a misturar-se. Talvez me parecessem indistinguíveis porque Clitemnestra não mostrava interesse em nenhum.

Os dois filhos de Nestor de Pilo eram tão faladores como o pai, dizia ela.

O príncipe de Tirinte era tão pesado e cinzento como as fortificações da sua cidade.

O guerreiro de Tebas ficaria estranho num palácio. Provavelmente dormia debaixo do escudo, dizia ela em tom sarcástico.

Quando o número de pretendentes que ainda não tinham feito a sua corte começou a diminuir, interroguei-me sobre o que aconteceria se, quando o último se apresentasse, ela se mantivesse indiferente. Teríamos de fazer este concurso ano após ano, na esperança de que aparecesse alguém novo?

Agamémnon foi o penúltimo a fazer a corte. Entrou a passos largos no salão e estacou, firmando as pernas como postes. De cabeça erguida, olhou uma vez em volta para todas as caras e depois fixou a atenção no meu pai.

— Eu, Agamémnon, filho de Atreu, apresento-me aqui como pretendente a marido da vossa filha. Se for escolhido, fá-la-ei minha rainha, a rainha de Micenas. Ela será honrada e obedecida em toda a Argos, e eu tudo farei para garantir que todos os seus desejos sejam realizados, se estiver ao meu alcance.

— E o que trazes para nos mostrar? — disse Clitemnestra.

Seguiu-se um silêncio profundo. Era a primeira vez que ela dirigia a palavra a um pretendente.

Agamémnon sorriu. Eu achei que o seu rosto ficou sinistro, com a barba cerrada abrindo-se e revelando o rasgão que era a boca. — Princesa, mostrar-vos-ei em breve. — Saiu do seu lugar e agarrou na longa caixa entalhada que estava pousada ao lado de uma coluna. Colocando-a cuidadosamente no centro do *megarón*, perto da lareira, abriu-a com grande cerimónia. Depois enfiou a mão e retirou um ceptro, erguendo-o e virando-se para que todos pudessem ver.

— Vejam a obra do deus Hefesto! — gritou.

A mim parecia-me um ceptro como qualquer outro — comprimento do braço de um homem, e também uma espessura idêntica. O facto de ser de bronze tornava-o invulgar.

— Conta-me, Rei, a história desse ceptro. — Clitemnestra estava debruçada para a frente.

— Com toda a honra — disse ele. A sua voz ressoava como um trovão que está demasiado próximo. — Hefesto moldou isto para Zeus na sua forja celestial. Zeus deu-o a Pélops que o ofereceu a Atreu. Tiestes roubou-o a Atreu, e depois o ceptro chegou até mim como seu manejador por direito.

— Deverei eu também manejá-lo? — Clitemnestra estava quase de pé com o entusiasmo, e a sua voz soava também tão alta como trovões.

Agamémnon fez um ar assustado, mas recuperou rapidamente. Os seus olhos acompanharam finalmente a boca num sorriso. — Terei de pedir a permissão de Zeus — disse ele. — Afinal, o ceptro é de Zeus, e até agora só passou pelas mãos de homens.

— Não peças a Zeus — disse Clitemnestra. — Ele é preconceituoso por causa do seu relacionamento com Hera e negará sempre a mulher. Peço-te *a ti*.

Ele hesitou apenas por um instante. Depois gesticulou em direcção a ela. — Vem cá e pega-lhe.

Vi o meu pai ficar tenso. Aquilo ia contra o protocolo e ele moveu-se para desqualificar Agamémnon. Mas quando se levantou, Clitemnestra saiu do seu lugar e aproximou-se de Agamémnon. Olharam-se nos olhos por breves instantes, testando superioridade. Nenhum dos dois desviou o olhar e, ainda fitando Agamémnon, Clitemnestra agarrou com força no cabo do ceptro.

— Parece que decidiste o assunto — disse Agamémnon. — Agora já não preciso de perguntar aos céus.

*

O banquete e a reunião que se seguiram não puderam deixar de ser afectados pelas acções extraordinárias do casal. As pessoas estavam tão pasmadas que não conseguiam parar de falar no assunto, mesmo que apenas através de sussurros por entre gracejos.

— Uma mulher tocou no ceptro talhado por deuses.

— Pretenderá ela tirá-lo a Agamémnon?

— Se os deuses permitirem tal coisa, significará isso que serão capazes de deixar uma mulher governar sozinha?

Eu escutava todas estas questões introduzidas entre comentários sobre o cabrito assado, a qualidade da lenha e a Lua quase cheia.

Mantive-me perto da minha família, especialmente para perceber o que a minha mãe pensava. Mas, rainha como era, nada revelou, nem divulgaria os seus pensamentos onde houvesse a menor possibilidade de alguém os escutar.

O meu pai era mais transparente e eu conseguia perceber pela sua expressão que estava bastante descontente. Castor tratava o assunto como divertimento: «A Clitemnestra tinha um ar real com aquele ceptro», enquanto Pólux o considerava ofensivo: «Brigar em público como dois pugilistas rebaixa ambos». Eu não queria saber de Agamémnon, mas tinha de admitir que ele conseguira despertar algo em Clitemnestra e que talvez se adequassem bem um ao outro.

Deixei Castor e dirigi-me por um instante ao fundo do salão, onde o pátio coberto dava passagem para o jardim iluminado pelo luar. Olhei para cima e vi que faltava apenas uma noite para a Lua cheia, que brilhava esplendorosamente, projectando sombras marcantes do telhado e dos altos choupos que baloiçavam ao vento, o mesmo vento que sacudia os ombros do meu vestido.

Aproximou-se de mim uma pessoa, perturbando a minha solidão. Pensei que, se a ignorasse, ela se iria embora. Mas em vez disso falou:

— Receio que o comportamento do meu irmão te tenha desagradado.
— Era Menelau.

— Não — disse eu, sentindo-me na obrigação de responder. — Não desagradou, mas surpreendeu. Contudo, parece que agradou à minha irmã e, afinal, é ela quem ele pretende conquistar.

— Ele foi muito audaz.

— Uma jogada que pode ter a sua recompensa.

— A audácia agrada às duas irmãs?

Não podia continuar a observar o jardim iluminado pelo luar, e de perfil voltado para ele. — Não ligo muito à audácia — disse eu finalmente, virando-me para ele.

— Nem eu — disse ele. — Não tenho a certeza de ser capaz de tal gesto. Sou bastante diferente de Agamémnon.

— Assim como eu de Clitemnestra — disse eu. — Os irmãos e irmãs nunca são meras cópias uns dos outros.

Algures na noite escutei o canto de uma cotovia. Os ventos quentes da Primavera agitavam-no, os mesmos ventos que agitavam as bainhas das nossas vestes.

— Não — disse ele. — E, por vezes, estranhos sem qualquer grau de parentesco apresentam maiores parecenças. Clitemnestra e Agamémnon têm ambos cabelo escuro, e nós cabelo claro.

Ri-me. — Sim, é verdade. — O cabelo dele era de um louro mais avermelhado que o meu, mas eram parecidos. E tínhamos ambos decidido afastarmo-nos da multidão do banquete para apreciar a noite: mais uma parecença.

Seguiu-se um longo silêncio. Embora eu tivesse desejado que ele não falasse, agora que estava ao meu lado e se calara, parecia estranho. Porque não me respondia? A cotovia cantou de novo, parecendo muito próxima.

Ele parecia satisfeito por estar simplesmente encostado à pequena balaustrada a olhar para o pátio iluminado pelo luar. O rebordo estava a fincar-lhe os antebraços musculados, mas ele não os mexeu. As mãos eram perfeitas e fortes e estavam pendentes, relaxadas. Pensei nas do meu pai, nervosas e cheias de veias como as de um macaco, e sempre a mexer nalguma coisa. As do meu pai estavam também pejudadas de anéis. Vi que Menelau usava apenas um, por isso as suas mãos pareciam nuas para um homem de posição.

— Em que pensas? — disse ele finalmente.

Fiquei assustada com a sua frontalidade. — Estava a pensar no teu anel — admiti. — Que usas apenas um.

Ele riu-se e levantou a mão. — Preciso das mãos livres e não pesadas, mesmo que com ouro.

— O que é que tem gravado? O que é que mostra? — Conseguia ver que o anel estava gravado com figuras.

Ele tirou-o e entregou-mo. Na profundidade da cavidade oval mal consegui distinguir dois cães ladeando um objecto curvo. As suas cabeças arqueavam-se em direcção ao rebordo do anel, fazendo um gracioso meio-círculo. Quando virei o anel para ver as gravuras à fraca luminosidade, apercebi-me do quão espesso era e de quanto ouro continha. A Casa de Atreu era rica; nesse ponto Clitemnestra tinha escolhido bem. *Zeus deu poder à Casa de Éaco, sabedoria à Casa de Amythaon, mas riqueza à Casa de Atreu*, escutara eu dos lábios do meu pai.

— São os meus dois cães de caça — disse ele. — Quando fugimos de Micenas, eles seguiram-nos fielmente. Eles já se foram, mas mantenho-os comigo desta forma.

— És-lhes fiel como eles foram fiéis a ti.

Ele sorriu enquanto voltava a colocar o anel. — Sim. Nunca os esquecerei.

E não podemos também esquecer a razão porque tiveste de fugir, a terrível maldição sobre a tua família, pensei. Ao mesmo tempo, ele devia ter estado a recordar a vergonha que pairava sobre a nossa família, obra da minha mãe. Éramos ambos definidos pela história das nossas famílias, contudo não podíamos falar abertamente sobre elas. Dei uma gargalhada triste e quase inaudível.

— Isso diverte-te? — disse ele. — A lealdade?

— Não. O que me diverte é o peso que ambos carregamos e do qual não podemos falar. Porém, parece-me que o carregas com uma certa descontracção.

— Tento que assim pareça. — Menelau fez um sorriso e conquistou a minha admiração.

— Oh, aqui estás! — Uma voz alta e embriagada interrompeu a nossa privacidade. — Irmãozinho! — Agamémnon aproximou-se, esfregando a barriga de contentamento, e encostou-se a Menelau. — Estavas a esconder-te? Devias estar a comemorar comigo. Encontrei a mulher de que precisava!

Menelau empurrou-o e Agamémnon começou a oscilar para trás e para a frente, a olhar para mim. — Ehhh... — murmurou. — Ela é mesmo a mais bela...

— Silêncio! — ordenou Menelau. — Bebe mais e pára com essa tagarelice estúpida.

E assim a frase odiada ficou a meio caminho. Acenei em agradecimento a Menelau e depois afastei-me do irmão desagradável pendurado no ombro dele, o homem que em breve seria meu cunhado.

VIII



ACORDEI antes do romper da aurora e vi a Lua pôr-se atrás das árvores no topo da nossa colina. A brisa ainda se fazia sentir, irrompendo pelo quarto por entre as colunas. Havia um vago odor ao fogo da lareira do *megarón*, já extinto.

Tendo acordado tão cedo, pude ver Clitemnestra a vestir-se. Faltava apenas um dia para ela se vestir formalmente; apenas um dia para se aperaltar com o que devia parecer ser o décimo quarto traje diferente. Na verdade, ela combinava os vestidos, os mantos e os broches de diferentes formas para parecer que tinha muitos.

— Traz-me o vermelho! — ordenava ela à criada quando eu entrei. Estava magistral naquela manhã, com muito boas cores. Havia algo de diferente com ela.

A criada regressou trazendo um vestido tão vermelho que faria uma papoila parecer pálida. Clitemnestra sorriu e pegou-lhe. — Sim! — disse.

— É da cor do sangue — disse eu. — Tens a certeza de que desejas parecer... uma guerreira?

— Um guerreiro precisa de uma guerreira — disse ela, encostando o tecido ao rosto.

— Então continuas decidida quanto a Agamémnon?

— Sim. Vou casar-me com ele. Vou para Micenas. — Sem qualquer hesitação, despiu a camisa de noite e ficou nua por um instante antes de vestir a lã vermelha. Ela tinha um corpo invulgarmente forte e ombros largos, embora diferentes de os de um homem. O rosto também tinha traços fortes, mas nada masculinos. Era o seu espírito que era tão audaz.

— Vou ter saudades tuas — disse eu em voz baixa. Estava naquele momento a aperceber-me de quantas. Ela fazia parte das minhas recordações mais remotas, protegendo-me, brincando comigo. Agora os seus aposentos iam ficar vazios.

— Mas sabíamos que isto tinha de acontecer — disse ela. Clitemnestra era tão directa. Ela pensava assim: sou uma mulher, tenho de me casar.

Quando me casar, tenho de deixar Esparta. Qual é a novidade daquilo que tem de ser?

O conformismo dela, em deixar-me, magoava-me. — Mas Agamémnon! — disse eu. — E a... a...

— A maldição? — Estava a ajeitar as mangas do vestido. Não me respondeu até estarem como queria. Depois virou-se e olhou para mim. — Não consigo explicar, nem mesmo a mim própria. Mas a maldição é parte do motivo que me fez escolhê-lo.

Fiquei horrorizada. — Por que razão desejas sujeitar-te a tal coisa?

— Porque acho que posso combatê-la e até vencê-la — disse ela, erguendo o queixo. — Foi-me lançado um desafio e eu vou aceitá-lo.

— Mas sujeitar a nossa família a este círculo de destruição?! Por favor, não o faças!

— Estás a esquecer-te de que também temos as nossas próprias más profecias? Afrodite jurou ao pai que as filhas dele casariam diversas vezes e deixariam os maridos. Alguma vez ele te disse isto? Se tencionas ser fiel ao teu marido, então também estarás a tentar desafiar uma profecia, a combatê-la.

Eu queria dizer: *Por favor, não saias de casa! Não me deixes. E não te cases com Agamémnon. Não gosto dele!* Mas nunca viria a proferir tais palavras. Quando uma filha saía de casa para se casar, ficava sempre um vazio na família.

— Só falta um — disse ela, rindo. — E depois posso ter o homem que quero.

*

O lastimável último candidato, enviado de um pretendente de Creta, tinha pouco a oferecer e ninguém lhe estava a prestar muita atenção, por isso, quando terminou o breve discurso, retirou-se. Ele sabia — assim como toda a gente — que a decisão já estava tomada.

*

Na cerimónia de encerramento, o meu pai presenteou todos os convidados com caldeirões de bronze e agradeceu-lhes. Depois comunicou que a filha Clitemnestra se casaria com Agamémnon de Micenas.

Ouvir as palavras *casar com Agamémnon de Micenas* foi tão terrível e definitivo que eu fiquei toda arrepiada.

*

Casaram-se dois meses depois. Clitemnestra viajou bastante satisfeita no coche nupcial que a levou a Micenas, determinada a vencer a profecia que iria ter de enfrentar.

Sentíamos a falta de Clitemnestra, e inicialmente estávamos sempre na expectativa de que nos fosse visitar, como faziam algumas filhas. Mas ela ficava a maior parte do tempo em Micenas, e a viagem era suficientemente longa para evitar visitas-surpresa. Os meus irmãos ajudavam a preencher o vazio, e o meu pai parecia satisfeito com o casamento que tinha feito. Estava também agradado por o estratagema da «mulher mais bela do mundo» parecer ter criado raízes na imaginação popular. Os pretendentes rejeitados espalharam-na por toda a parte e formou-se uma firme crença nas mentes dos gregos: Helena, princesa de Esparta, é a mulher mais bela do mundo. Isso fez com que, a partir do momento em que Clitemnestra se casou, começassem a perguntar-lhe quando estaria eu pronta para casar. Nessa altura eu tinha apenas onze anos, mas o meu pai afastava-os, não para me manter em casa e preservar o que me restava da infância, mas para fazer subir o preço e atrair mais pretendentes.

A minha mãe era mais bondosa e queria, genuinamente, manter-me ao pé dela mais um tempo. Como esperávamos, eu já estava finalmente mais alta que ela. E um dia ela anunciou que eu tinha eclipsado a sua beleza e que estava satisfeita com isso.

Olhando-me nos olhos, disse: — Uma mãe imagina sempre que vai ser doloroso o momento em que terá de ceder o trono à filha, por isso combate-o. Mas quando chega a altura, é completamente natural. — Alisou-me os cabelos.

— Que eu me tenha apercebido, a mãe não perdeu trono nenhum — assegurei-lhe.

— Minha querida, o trono da juventude e todo o seu encanto. — Inclinou ligeiramente a cabeça. — Pode ser que nunca venhas a passar por isto. O teu envelhecimento deve ser... diferente.

*

Quatro anos depois, quando completei os quinze, o meu pai decidiu que tinha chegado a minha vez de me sujeitar ao ritual dos pretendentes e da escolha. Mas antes de isso poder acontecer, desejei poder seguir uma tradição antiga, ainda ocasionalmente seguida no meu tempo, de fazer uma corrida para raparigas solteiras. Supostamente, era um costume que remontava à noiva de Pélops — avô de Agamémnon. Ela tinha corrido antes do dia do casamento com quinze virgens em honra de Hera, pa-

trona do casamento. Depois as raparigas tinham oferecido uma veste à estátua da deusa.

Pedi-lhe para me deixar fazer este último rito da meninice e da liberdade que ia deixar para trás. — Pois o senhor sabe que eu sou muito boa corredora — disse eu.

— Sim, mas...

A minha mãe interrompeu. — Deixa-a correr. Dá-lhe esse gosto. — Olhou compreensivamente para mim. — Eu não tive essa oportunidade. — Tomou-me o rosto entre as mãos. — Minha querida, correrás livre pelas margens do Eurotas. — Sorrii discretamente. — Como é suposto.

Porque foi lá que fui concebida? pensei. As penas do cisne ainda estavam na caixa; eu tinha espreitado recentemente. E não tinham perdido nenhum do seu alvo esplendor.

— Primeiro tens de tecer uma veste para a deusa — disse o meu pai.

Isso era para mim um prazer. Eu tinha-me tornado uma boa tecelã e tinha até aprendido a fazer padrões no tecido. Para a deusa criaria um padrão com a sua ave favorita, o pavão. Seria um desafio, mas eu achava que podia sair-me bem. Com pura lã branca, depois tingida de verde a partir de urtiga e musgo, e, finalmente, debruada a azul.

*

Era início de Primavera; na minha opinião, a altura mais bela do ano. Folhas pequeninas criavam auras verdes em redor dos ramos das árvores quando o sol os atravessava. Mil e uma florzinhas — brancas, douradas, púrpura — salpicavam o prado. Encontrava-me uma vez mais nas margens do Eurotas.

Ao meu lado estavam mais quinze raparigas, todas eleitas pelas suas cidades ou famílias como sendo corredoras velozes. Conseguia perceber que algumas eram mais novas do que eu. Outras mais velhas. No dia em que fiz a corrida, tinha quinze anos.

Já estava completamente desenvolvida. Era mais alta do que algumas, mas não todas. Usávamos todas uma túnica curta que chegava apenas até aos joelhos e nos revelava o ombro direito. Estávamos descalças.

O sol atravessava os salgueiros que ladeavam a margem do rio quando nos alinhámos para a corrida. De cabeças baixas, pedimos a bênção de Hera e dedicámos-lhe a nossa força.

— Vão correr ao longo da margem até chegarem à pedra no campo de cevada. Depois viram à esquerda e correm ao longo do caminho pedestre ao lado do campo. Quando chegarem ao fim, viram de novo à esquerda até chegarem aos dois escudos que estarão a servir de couceiras com uma fita a

ligá-los. A primeira a partir essa fita é a vencedora — anunciou uma jovem sacerdotisa de Hera.

Pusemos todas o pé esquerdo mais à frente, preparadas para a partida. Senti os joelhos tremer. Mas não por medo de perder; era por ânsia de correr. Finalmente podia correr tão depressa como queria, sem qualquer oposição.

— Partida! — gritou a directora da corrida.

Atirei-me para a frente; a minha perna direita agiu como corda de arco; os músculos trémulos saltaram e eu lancei-me.

Como poderei descrever a leveza e liberdade de correr livremente? Senti-me extremamente forte, cheia de poder, e não havia qualquer impedimento. Ia ultrapassar todos os obstáculos. Tinha essa força.

O rio corria veloz ao meu lado; eu estava vagamente ciente das águas cobertas de sombra que fluíam à minha esquerda, mas continuava a correr. Só via aquelas raparigas ao meu lado.

Chegámos à pedra no campo de cevada e eu rodeei-a. Ainda me acompanhavam duas outras raparigas. Arquejando, dei a volta à pedra e concentrei-me no caminho direito em frente. Era meu.

Eu estava cada vez mais veloz, as minhas pernas moviam-se cada vez mais depressa.

Atalanta. Ela é Atalanta. Os meus irmãos tinham-me chamado isso a vida toda, sempre que me viam correr. Atalanta: a corredora mais rápida de todos os tempos.

Mas ninguém atirou uma maçã dourada para a minha frente para me distrair, como havia acontecido com Atalanta. O caminho lamacento e a própria corrida seriam conquistados por mim. Ordenei ao meu peito que se enchesse de ar, que respirasse; movimenteie vigorosamente os braços; acima de tudo, invoquei toda a força que pudesse estar refugiada em mim.

Ainda tinha uma à minha frente. Era baixa e forte, as pernas poderosas impulsionando-a, revelando músculos nas coxas nuas. Era ela. Era ela que queria vencer.

Hera, ajuda-me! gritei.

Mas não senti nenhuma força renovada nos membros. Chegámos ao fim do campo de cevada. A outra rapariga e eu virámos de novo para a esquerda; estávamos tão próximas na curva que eu consegui ver o suor nos ombros dela.

Ela lançou-se em frente e, durante uns agonizantes minutos, deixou-me para trás. Adiante vi os escudos marcando a meta.

Agora, disse para mim mesma. Dá tudo o que tens. Dá até a força que não tens.

Vi as costas dela; ordenei-me a alcançá-las. Disse aos meus braços para se movimentarem mais rapidamente.

A distância entre nós estava a diminuir? Corri o mais depressa que consegui. Já não dizia ao meu corpo para fazer nada; eu era o meu corpo.

Mais perto... mais perto. As costas dela estavam cada vez maiores. Cada vez maiores.

Ficámos lado a lado. Olhei para ela. A expressão dela era de total surpresa.

Ultrapasei-a e parti a estreita fita. Atirei-me para o chão. Pois tinha corrido melhor e mais depressa do que podia. Algo que todos os atletas compreendem. *Fizeste o melhor que podias*, disse para mim mesma. *Não, melhor. Melhor do que podias. Quem pode explicar tal coisa?*

A minha meninice tinha acabado. Terminara com a vitória naquela corrida. Era o meu sacrifício a Hera — a minha rapidez, a minha força. A minha liberdade para correr.



ESTAVAM a chegar, vindos de toda a parte. A minha mãe disse em tom de brincadeira que as encostas estavam negras de tantos que eram, como um exército de gafanhotos. Disse-o com um arrepio, mas também com um toque de orgulho.

— Nunca vi tantos pretendentes à mão de uma mulher — garantiu-me. Estava contente. Eu, pelo contrário, desejava que tivessem sido muitos menos.

Desde a corte a Clitemnestra que o meu pai tinha decidido que desta vez cada pretendente deveria apresentar algo que simbolizasse a sua pessoa e revelasse o seu valor, quer fosse espada, lança, linhagem, coroa ou promessa de feitos futuros.

— Ele apresentar-se-á perante nós aqui, no *megarón* — disse o meu pai, apontando para a sala acabada de pintar, as suas espessas colunas resplandecendo e a lareira esfregada. — Depois poderás fazer-lhe as perguntas que entenderes, Helena.

— Estás a tornar-te brando com a idade — disse a minha mãe. — Deixar a Helena dizer o que quiser! — Mas disse-o em tom de aprovação. Era justo que me fosse permitido interrogar livremente o homem para satisfazer a minha curiosidade, em vez de deixar essa tarefa para o meu pai ou irmãos.

— Bem, quanto aos homens que cortejam através de um representante, devem poder responder como responderia o cortejador. Devemos assumir que o pretendente tem confiança nas palavras do amigo. Talvez o amigo consiga até falar melhor que ele e que por isso tenha sido escolhido.

— Posso perguntar-lhe isso? — perguntei.

— Certamente, mas prepara-te para ouvires uma mentira. Afinal, a tarefa dele é conquistar-te, talvez fazendo o pretendente mais apelativo do que é na realidade.

— Eu acho que não vou escolher ninguém que não possa ver — decidi. — Por isso, aqueles que enviam representantes estão a desperdiçar esforços.

O meu pai riu-se. — Mas não antes de nos terem oferecido os presentes! Estava chegada a hora de comunicar aquilo que eu tinha decidido. — Recuso-me a escolher alguém que profira a frase «a mais bela mulher do mundo» — disse eu. — Ele fá-lo-ia apenas para vos agradecer e, de qualquer forma, não é verdade, o que também faria dele um mentiroso.

O meu pai fez um ar assustado, mas depois disse: — Podes fazer disso uma condição, mas não a anunciaremos.

*

Ainda agora, recordar os pretendentes põe-me um sorriso nos lábios. Ao todo deviam ser uns quarenta. E que diversidade de homens! Iam desde os seis (!) aos sessenta anos de idade. Os de idades extremas não foram para cortejar mas para acompanhar os que iam: o velho Nestor, rei de Pilo, no mínimo com sessenta anos, foi com o filho Antíloco, e Pátroclo levou o menino de seis anos em cuja casa vivia, Aquiles.

Havia um bastante corpulento, Ájax, *O Grande*. Veio um homem bastante cortês de Creta, Idomeneu, que, muito embora fosse rei, veio no próprio navio para pedir pessoalmente a minha mão. Havia um de peito largo e cabelo ruivo, Odisseu de Ítaca. Homens de todos os tamanhos, formas e carácter tinham-se reunido sob o nosso tecto. Como cada candidato tinha um dia inteiro para se apresentar, isso prometia quarenta dias de hospitalidade por parte do meu pai.

— É melhor escolhermos um rico — murmurou o meu pai na primeira tarde quando levantou a cortina para ver quantos estavam reunidos no *megarón*. — Para pagar as minhas despesas!

Estava na hora de aparecermos e ocuparmos os nossos lugares nos tronos num dos lados da sala. O meu cabelo estava coberto por um véu e os ombros também estavam escondidos, mas ainda assim preparei-me para os previsíveis olhares fixos e silêncio quando aparecessem.

Querida Perséfone, rezei, oh, não poderá um deles rir-se? Juro que me apaixonaria no mesmo instante.

— Saudações — disse o meu pai, olhando atentamente em volta. Havia pretendentes alinhados em todas as paredes. Alguns estavam à sombra e eu não consegui ver claramente os seus rostos, mas havia uma grande diversidade de alturas. O homem que mais tarde conheci como Ájax era um palmo mais alto que os restantes, e Odisseu quase um palmo mais baixo. Havia um enorme em forma de bilha de azeite, que afinal se tratava de Elefenor de Eubeia. Vi pela primeira vez Pátroclo, um jovem bastante atraente, com o menino amuado encostado a si. Naquela altura só pensei no que estaria aquela criança antipática a fazer ali.

— É para nós uma honra que tenham vindo em busca da mão da minha filha Helena — disse o meu pai. — Agora deixem-nos servir umas bebidas antes do início do concurso. — Fez sinal a um criado, que lhe deu um chifre de boi com vinho. Ele verteu-o solenemente numa tina especial aos pés do trono e pediu aos deuses que olhassem por nós.

— Quem será o primeiro? — perguntou ele. Desta vez obrigou-os a escolher a ordem de apresentação.

Ficaram todos apáticos. Alguns ainda me fitavam.

— Então, guerreiros, porquê o acanhamento? — disse o meu pai. — O primeiro a falar é o primeiro a terminar, a divertir-se o resto do tempo.

Elefenor, o homem redondo de Eubeia, avançou timidamente. — Muito bem, grande rei. — Fez uma vénia e olhou estupefacto para mim, como as pessoas em Esparta tantos anos antes. — Mas não sou nenhum guerreiro. — Encolheu os ombros. — Só posso dizer que se Helena me escolher, terá a mais comum das vidas, onde cada dia é passado em paz.

Mas eu já tinha isso e desejava outra coisa. O resto do discurso passou quase despercebido, porque a vida que me oferecia não me tentava e não era suficientemente rico para interessar ao meu pai.

Quando terminou a apresentação, o cheiro a carne assada invadiu o salão dizendo-nos que estava na hora de sairmos e nos juntarmos ao banquete. Saímos para o jardim, onde giravam muitos espetos, emitindo nuvens de fumo para o céu. Todas as noites o meu pai teria de providenciar tal festim.

— Helena! — Subitamente vi-me envolta num abraço apertado. Quando me virei, vi que se tratava de Clitemnestra. — Viemos! Menelau é um dos pretendentes! — A voz dela era baixa mas cheia de emoção. — Não pessoalmente, é claro. Agamémnon vai representá-lo. — Atrás dela estava o marido, mais gordo e corado desde o casamento quatro anos antes.

— Saudações, grande rei — disse eu educadamente. Sempre que me encontrara com Clitemnestra, fizera questão de ver o meu cunhado o menos possível. Micenas era um lugar sombrio, um palácio cinzento de pedra pesada erguido na fenda entre duas encostas íngremes em Argos. Excepto o facto de me permitir viajar — uma das poucas vezes que saí de Esparta, e mesmo nessa altura numa carruagem fechada para ninguém me ver —, não me atraía. Preferia muito mais quando era Clitemnestra a visitar-me com a sua filha de cabelos claros, Ifigénia.

Também vira muito pouco Menelau, que parecia nunca estar em Micenas quando eu estava, mas Clitemnestra sempre falara muito bem dele. De forma subtil, fora desde sempre sua amiga.

— Porque não veio ele pessoalmente? — Quando fiz a pergunta, estava a lembrar-me da nossa pequena conversa ao luar.

— Problemas de fronteiras com Sikyon — disse Agamémnon. — Saiu com alguns guerreiros. Não sabemos quanto tempo ficará fora. — A sua voz, nunca agradável, estava inexplicavelmente alta. Ele fazia-me sempre lembrar um touro resfolegante.

— Não, ele é apenas acanhado — sussurrou Clitemnestra. — Não gosta de competições. Não se dá muito bem com elas.

— Eu falarei por ele — disse Agamémnon. Várias cabeças se viraram.

— Bem-vindo! — O meu pai estendeu os braços. — Bem-vindo, meu genro favorito.

— E único. — Agamémnon gostava de afirmar o óbvio. — Mas não por muito tempo.

As pessoas reuniam-se à nossa volta no enorme pátio aberto, algumas caras facilmente visíveis à luz das tochas e outras encobertas pelas sombras. Havia muito poucas mulheres; uma mão-cheia de concorrentes levaria irmãs ou primas, mas tinham vindo quase todos sozinhos. Reparei que muitos dos guerreiros tinham levado as suas armas; presumivelmente planeavam usá-las nas exposições.

— Salve, grande rei de Esparta! — O homem de peito largo e cabelo ruivo apareceu ao pé do meu pai e ergueu uma taça em saudação. — E rainha tão graciosa — acrescentou, fazendo uma vénia à minha mãe.

— Salve, Odisseu de Ítaca — disse o meu pai. — Que surpresa tens reservada para nós debaixo do capacete? Que exibição pretendes fazer? — Estendeu a própria taça, que foi prontamente atestada por um escravo.

— Ora, nenhuma, Vossa Alteza — disse Odisseu. — Sei que não posso competir com os homens abastados que vieram de todas as zonas da Grécia e do outro lado do Mar Egeu. Ítaca é uma ilha pobre, rochosa e infértil. Não, não posso oferecer nada.

— Ora — disse o meu pai. — Não vieste de tão longe para não ofereceres nada.

Ele sorriu. — Apenas conselho, senhor, apenas conselho. E é para vos ajudar a fazer a vossa escolha.

O meu pai resmungou. — Conselhos já tenho muitos. Peço-te que me poupes disso, se desejas continuar meu amigo.

— O meu conselho irá permitir-vos manter como amigos os homens aqui reunidos. Sem ele, surgirão inimizades.

O meu pai ergueu o sobrolho. — Que queres dizer? — perguntou.

— Quero dizer que os derrotados podem não aceitar a vossa escolha. Podem transformar estas ferramentas de competição saudável em armas mortais.

A minha mãe susteve a respiração e levou a mão ao pescoço. Mas não arregalou nem pestanejou os olhos.

Eu sabia que nós — pai, mãe e eu — estávamos novamente a ouvir a voz esganiçada da sibila Herófile a dizer: *por causa dela será travada uma grande guerra e muitos gregos morrerão!* Mas Odisseu não escutara tais palavras; não podia saber.

— E o que propões? — perguntou o meu pai, olhando ansiosamente para Odisseu.

— Ah! Antes de o revelar, tenho de pedir que me prometas uma coisa em troca.

— Eu sabia. Queres de facto alguma coisa — resmungou o meu pai.

— Sim. Mas não é a mão de Helena. Não sou digno dela — olhou para mim e sorriu, — mas talvez me possa unir à vossa família de outra forma.

— Ora, desembucha! O que queres?! — Eu podia perceber que o meu pai estava incomodado com a horrível perspectiva que Odisseu levantara acerca da inimizade dos pretendentes; estava a preocupá-lo bastante.

— Gostaria de falar à vossa sobrinha Penélope — disse. — É com ela que desejo casar-me.

O meu pai fez um ar aliviado. — Só isso?

— Para mim é tudo.

— Muito bem. Farei o que puder para te ajudar. E que os deuses façam o resto! Agora a tua parte do acordo!

— É simples. É a forma de evitar qualquer conflito. Anunciarás que todos os pretendentes deverão jurar respeitar a escolha de Helena e contentarem-se com essa escolha. Se alguém tentar destruir o casamento ou disputá-lo, todos os outros lhe declararão guerra.

— Mas porque concordariam eles com isso?

— Porque homem que é homem imagina-se como vencedor a desfrutar dos benefícios deste juramento.

— Disseste a escolha de Helena — disse eu suavemente.

— Isso mesmo, minha beleza — disse Odisseu. — Tem de ser a tua escolha. Dessa forma ninguém poderá ficar revoltado com o teu pai.

— Mas nunca se ouviu tal coisa! — disse a minha mãe.

— Tenho a certeza de que ela escutará o sábio conselho dos pais — disse Odisseu. — Mas, no final — virou-se para mim, — és tu quem terá de comunicar a decisão e proferir as palavras «escolho-te a ti para seres meu marido».

Senti uma estranha emoção com tal perspectiva.

Odisseu enfiou-se pelo meio de dois homens entroncados e desapareceu.

Um homem alto e enrugado, de cabeça oscilante, caminhava na nossa direcção, deslizando habilmente por entre as pessoas. Não parava de falar com outro que caminhava ao seu lado.

— Ah, ver-te de novo vale a viagem desde Pilo — disse o homem enrugado, levantando as mãos em exultação. — Ah, e pelo caminho havia obras na estrada e tivemos de fazer um desvio. Embora não tenha sido tão mau como daquela vez na batalha com os epeus em que a roda do meu carro saltou... lembras-te? Não, eras demasiado jovem, não estavas lá. Bem, parece que...

— Saudações, Rei Nestor — disse o meu pai quando Nestor fez uma pausa para retomar fôlego. — Damos-te as boas-vindas. Mas pensávamos que já tinhas esposa!

Que, de preferência, fosse surda, pensei.

— Oh, e tenho, tenho! É o meu filho quem deseja casar-se. Aqui o Antíloco! — Deu uma palmada nas costas do jovem e ele encolheu-se em resposta.

Antíloco era de média estatura e tinha um daqueles rostos que são inerentemente agradáveis — quer pela expressão ou contornos do nariz, faces e olhos, é difícil dizer. Era um rosto que me transmitia segurança.

— E o que pretendes fazer nesta competição? — perguntou abruptamente o meu pai. Estava ainda distraído com o que Odisseu dissera acerca do conflito.

— O quê? E arruinar a surpresa dele? — Nestor abanou o dedo ao meu pai. — Francamente, Tíndaro, estou espantado contigo! És mais esperto que isso!

— Não és meu pai, Nestor. Por favor, não me dês sermões! — disse o meu pai.

— Ou vou mostrar como sou bom corredor ou conduzir a minha quadriga — disse Antíloco. — Mas ainda não vou revelar o que farei.

— Oh, ele é o mais veloz... está sempre a vencer corridas...

O meu pai afastou-se, deixando Nestor a falar. Eu estava a fazer um enorme esforço para não desatar a rir às gargalhadas.

O ar nocturno era frio e tranquilizante, e acima das nossas cabeças as estrelas começavam a surgir, como pequenas partículas de pó prateado. Algumas eram esborratadas pelas nuvens de fumo que subiam das fogueiras onde se assava carne. A brisa estava a começar a fazer-se sentir; em breve precisaria de uma capa leve.

— Nunca perdi uma corrida; não, nem um combate corpo a corpo...

— O quê? Não foste ao oráculo em Dodona? Que pena! Então onde vais?

— Encontrei um santuário que não precisa de sacrifícios de sangue; a deusa aceita cereais e leite. Poupa-me uma fortuna! Queres saber onde fica?

Que divertido era ficar absolutamente imóvel a ouvir aquelas conversas, os pequenos excertos reveladores das preocupações das pessoas.

— Quando é que fica pronto? Por Hermes, estou prestes a desmaiar!
— Elefenor, o homem em forma de cântaro, aproximou-se esfregando a barriga. Solto um estrondoso arrotos de fome que não se preocupou em disfarçar. Depois aproximou-se de uma das fogueiras e pôs-se a olhar para um prato de carne que os criados tinham começado a cortar do espeto e agarrou num naco que pingava gordura. Partiu-o com as mãos e depois engoliu os pedaços.

— Não! — De repente surgiu ao seu lado um menino que mal lhe chegava à cintura. — Pára! Isso é falta de educação!

Elefenor baixou a cabeça e espreitou para ver quem falava. — O quê? — resmungou ele com a boca cheia de carne.

— Eu disse que era falta de educação tirar comida dessa maneira! És algum ladrão? Pareces um! — O menino fulminava-o com o olhar.

— Quem fala assim com Elefenor de Eubeia? — Elefenor engoliu rapidamente a comida.

— Aquiles de Ftia — disse o menino.

— Quem raios é Aquiles de... Ftia? — Disse *ftia* como se estivesse a cuspir.

— Filho de Peleu e da deusa Tétis!

— Ele precisa de um castigo, independentemente de quem seja. — Elefenor afastou-se, limpando as mãos gordurosas à roupa.

— Eu vi isso! — gritou o menino.

Elefenor virou-se para trás, como um enorme melão, e dobrou-se. — Já chega! — disse. — Se não te calas, castigo-te eu mesmo! Onde está a tua mãe?

— Já te disse que é uma deusa, e...

— Cala-te, Aquiles! — Um jovem alto apareceu. — Deixa este homem em paz. — Voltou-se para Elefenor. — Desculpe-o, por favor.

— Não, não desculpo. É um fedelho com língua comprida. — Elefenor endireitou-se. As nódoas de gordura manchavam-lhe o lado da túnica.

— Ele é um reles ladrão! — gritou Aquiles. — Espero que não penses que a princesa iria alguma vez pegar nessa mão gordurosa!

— Basta — disse o companheiro do menino. Tinha um efeito calmante sobre ele.

— Está bem, Pátroclo. — Fiquei admirada por ver o menino desistir tão facilmente. Subitamente, ele viu-me. — É Helena! — gritou, apontando para mim.

— Ah, sim. — Pátroclo acenou-me com a cabeça. — Princesa, receio falar convosco antes da hora. Não seria tão presunçoso.

Gostei dele. — Pareceria pretensioso não o fazeres. Ou... de que pala-

vra tanto gostas, Aquiles?... falta de educação fingir que não nos estamos a ver. Além disso — senti-me encorajada pelo plano de Odisseu em ser eu a fazer a minha escolha, — sou livre de falar com quem quiser, enquanto estiverem aqui todos reunidos.

— Eu devo ser um dos pretendentes mais novos — disse Pátroclo. — Não queria que me vissem falar fora da minha vez.

— Bem, que idade tens? — Já que ele tinha falado no assunto, vi-me na obrigação de perguntar.

— Catorze — admitiu ele.

Parecia mais velho. E eu disse-lho.

— Não admira! — disse Aquiles. — Ele matou um amigo de brincadeiras quando era ainda mais novo e o pai dele trouxe-o para viver comigo e com o meu pai, para fazer dele meu escudeiro. Por isso há anos que é tratado como homem!

— Foi um acidente — disse calmamente Pátroclo. — Não pretendia fazer-lhe mal.

— Mas o sangue derramado deve ser vingado — disse eu. — Estou satisfeita por teres encontrado segurança. — Eu sabia tudo sobre feudos de sangue, os familiares que tinham de vingar uma morte, mesmo que accidental. Só fugindo para outra terra e procurando purificação num deus se evitaria mais morte. Na esperança de desanuviar o ambiente, disse: — Então não és o mais novo. Disseram-me que está cá um pretendente com dez. — Não sei porquê, desconfiei que ao redor de Aquiles o ambiente nunca podia ser leve.

— Então terias de o colocar num armazém para amadurecer — disse Pátroclo. — Como o vinho.

Rimo-nos e a noite pareceu mais agradável.



BEBIDAS derramadas, lugares ocupados, rostos repousados, e o meu pai de pé ao lado do trono no *megarón*, quarenta homens à espera de ouvir o que ele tinha para dizer.

— Um dos nossos convidados falou ontem, o nobre Elefenor. — Aceitou com a cabeça na direcção do homem que agora vestia um manto limpo. — Muitos mais falarão nos próximos dias. Mas antes que qualquer outro se apresente perante nós, devo anunciar que decidi acrescentar mais uma condição à competição.

Nesse momento fez-se um silêncio desconfortável no grupo, tão descontraindo momentos antes. Observei o meu pai, pensando o quão seguro sempre parecia e indagando-me como seria ter tanta certeza de todas as minhas acções. Ele não parecia importar-se de alterar as regras já depois de a competição ter começado.

— Vocês devem ser uns quarenta; trinta e nove vão ficar desapontados. Por vezes os homens desapontados não aceitam resultados que não lhes agradam. Com guerreiros tão fortes e treinados, este facto pode conduzir a um sério conflito. Quero que todos os presentes regressem a casa tão aptos como quando de lá saíram.

Na pausa que se seguiu, alguns homens começaram a murmurar, mas quando o meu pai recomeçou a falar, o silêncio regressou à multidão. — Assim sendo — continuou ele, — quero que fique claro quem vai escolher: não serei eu. Será a própria Helena. E decerto poderão aceitar a decisão da mulher que dizem amar.

Olharam todos para ele. Nunca se tinha ouvido tal coisa. Ele era um cobarde com medo de tomar uma decisão e de a defender? Escondia-se atrás da filha?

— É o desejo de Helena. — O meu pai olhou para mim. — Helena? — Fez-me sinal.

Levantei-me. — Serei eu a escolher o meu marido. — Eu falava lentamente. — Como sofrerei as consequências de uma má decisão, serei extremamente ponderada e duplamente cuidadosa para salvaguardar a minha felicidade.

O meu pai parecia satisfeito. Voltei a sentar-me e agarrei-me aos braços do trono; tinha as mãos frias.

— Mas exijo mais uma coisa — disse o meu pai. — Todos vós têm de jurar respeitar a escolha de Helena, e se alguém, não importa quem, questionar essa escolha ou tentar desrespeitá-la, todos deverão defender o escolhido, com armas, se necessário.

— O quê? — gritou Ájax de Salamina, um homem gigantesco. — Insultas-nos!

Em vez de discutir, o meu pai inclinou simplesmente a cabeça. — Talvez, embora não seja essa a minha intenção. Tenho as minhas próprias profecias a ter em conta, nada que precisem de saber, mas isto assegurará a paz. Acreditem, é para vosso próprio bem, mesmo que não percebam porquê.

Ájax resmungou.

— Devem vir agora fazer o juramento — disse o meu pai, — antes de continuarmos. Quem não quiser seguir-me até ao local solene pode sair desta sala.

Todo o grupo seguiu o meu pai para o exterior do *megarón* e do palácio. Três sacerdotes prepararam um cavalo para ser sacrificado. Era um cavalo possante da Tessália, mas agora a sua força e sangue ser-lhe-iam extraídos para unir aqueles homens e evitar uma guerra — a temível guerra de que só o pai sabia.

Alguns defendem que os destinos estão traçados e que nem Zeus consegue alterá-los, enquanto outros acham que são mais fluidos que isso, e sempre mutáveis. Mas quando nos aguarda um destino terrível, é da nossa natureza tentar mudá-lo ou, pelo menos, não caminhar de bom grado na sua direcção.

*

Ficava bastante longe de Esparta; não esperara caminhar tanto. Seguimos em silenciosa procissão encosta abaixo, passando pela cidade. Uma multidão saiu às ruas para nos ver passar. Parecia estar muito frio para a época, e eu estremeia dentro do meu leve vestido de lã. Caminhava no meio dos meus pais, com Castor e Pólux atrás. Clitemnestra e Agamémnon vinham logo a seguir.

O meu pai parecia apreensivo e a minha mãe não ficava atrás. Era nítido que a cada passo que davam sentiam como se estivessem a desafiar o oráculo, a trespassar a vontade dos deuses. Mas tinham de o fazer.

*

Uma clareira à sombra, delimitada pela encosta rochosa de uma colina e com uma pequena cascata fria de um dos lados: precisamente o tipo de local a que uma ninfa chamaria casa. Ciprestes escuros delineavam o vale estreito; o solo estava esponjoso com musgo. Em silêncio, como se estivessem numa cerimónia para um dos Mistérios, os homens formaram um círculo em redor da clareira. O meu pai pegou nas rédeas do cavalo e conduziu-o até ao centro.

— Podem avançar. — O meu pai acenou com a cabeça aos sacerdotes. Estes avançaram com espadas e facas de bronze. Um puxou o cabresto do cavalo, obrigando-o a levantar a cabeça para expor melhor o pescoço, enquanto o segundo lhe acariciava a cernelha e murmurava palavras tranquilizadoras. Então o terceiro aproximou-se rapidamente, pegou numa espada e cortou o pescoço do cavalo num único golpe. O cavalo recuou mas não conseguiu emitir qualquer som; caiu de joelhos e a cabeça tombou para a frente, caindo ao chão. O sangue começou a jorrar abundantemente do pescoço, e era tanto que a cabeça desapareceu debaixo da torrente vermelha. Uma nuvem de vapor rodeava a enxurrada à medida que o seu calor encontrava o ar frio, e um horrível odor metálico encheu o ar.

O cavalo jazia esparramado numa poça de sangue. Depois de se passarem alguns instantes sem o animal se mexer, o meu pai acenou novamente com a cabeça aos sacerdotes. Estes atravessaram o círculo de sangue e começaram a desmembrar o cavalo, usando pequenas facas para cortar os membros e articulações e abrir os flancos. O único som na clareira era o das facas, tendões rasgando-se e articulações estalando, tecidos moles gorgolejando quando vertiam o seu conteúdo.

Metodicamente, os sacerdotes dispuseram os pedaços num círculo e depois recuaram, as suas pernas ensanguentadas até aos joelhos, os seus mantos ensopados em sangue.

O meu pai levantou os braços. — Tomem os vossos lugares — ordenou aos homens. — Há pedaços para todos. Cada um deve pôr-se em cima de um pedaço e fazer o juramento solene.

Muito embora muitos fossem guerreiros, os homens pareciam pouco à vontade com aquele pedido medonho. Olhando uns para os outros e depois de novo para o meu pai, avançaram lentamente e colocaram pelo menos um pé em cima de um pedaço da carcaça sangrenta.

— Juro, perante os presentes e todos os deuses do Olimpo, que defenderei Helena de Esparta e quem ela escolher para marido contra qualquer pessoa que tente fazer-lhes mal — entoaram em conjunto nas suas vozes profundas.

— Que assim seja — disse o meu pai. Virou-se para os sacerdotes. — Enterrem o cavalo — disse. — E ergam um pequeno túmulo para que este

dia e este juramento sejam para sempre recordados. — Depois, com um sorriso, disse: — Bem, vamos regressar ao palácio. — O sorriso foi quase o pior de tudo, como se ele tivesse estado a fazer de deus e tivesse conseguido alterar o nosso destino.